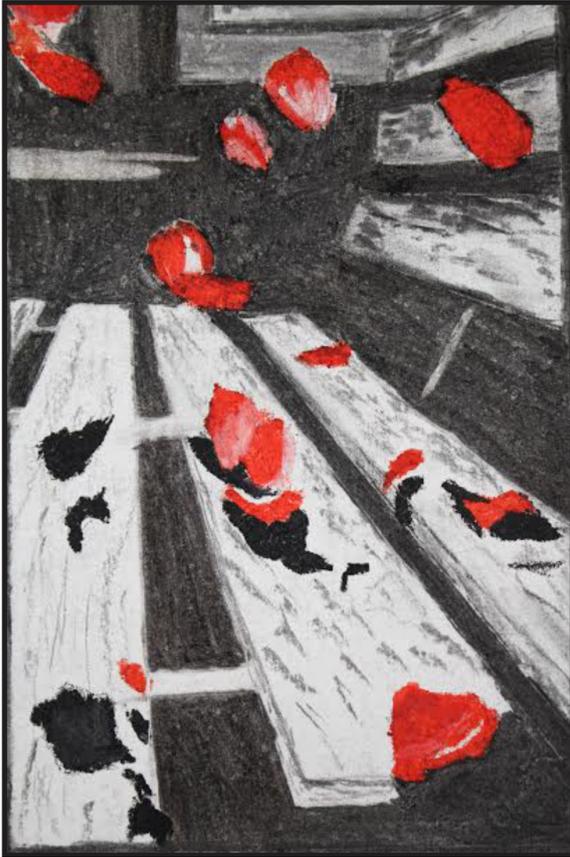


Ricardo Almeida



# A Semântica da Pétala



# A Semântica da Pétala

Ricardo Almeida



© by Ricardo Almeida  
Direitos autorais reservados  
Revisão: José Édil Alves  
Editoração eletrônica: Catiéle Goulart  
Capa: Catiéle Goulart com desenho de Mara Alves Borges Rosa  
Arquivo digitado e corrigido pelo autor, com revisão final do mesmo,  
autorizando a impressão da obra  
Editor: Rossyr Berny  
Contato com o autor: ricardojalmeida@gmail.com

Para conhecer mais autores da Alcance acesse:  
[www.youtube.com](http://www.youtube.com) e procure por *Editora Alcance*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

A451 Almeida, Ricardo.

A semântica da pétala / Ricardo Almeida. 1.ed. – Porto Alegre:  
Alcance, 2015.  
120 p.

1. Crônicas brasileiras. I. Título

CDD 869.93

---

Bibliotecário responsável: Diego Guimarães Silva – CRB8/119/2012

**ISBN: 978-85-67248-52-3**

  
30 anos de Alcance  
Prêmio Jabuti

 Rua Bororó, 5 - Assunção - Porto Alegre/RS - 91900-540  (51) 3346.5001  
 (51) 8437.9936  (51) 9466.2858  (51) 8286.1611  (51) 9588.3900  
 contato@editoraalcance.com.br  www.editoraalcance.com.br  
 /EditAlcance  @EditoraAlcance  +55 51 8437.9936

Para  
Cláudia  
e  
Eleonora



Para

Carlos Danilo

Élida Reni (em memória)

Luiza Helena

Paulo Renato



Para  
Thomaz  
Calico  
Letícia  
Adriana



## **Introdução – A Semântica da Pétala**

---

A vida é como uma pétala. Tem cor, aroma, textura, canta ao curso do vento e dá sabor ao ser contemplada. É a expressão da beleza. Chama todos os sentidos para a vivência do néctar da flor. Seduz para o prazer do amor e da arte. É o lustre da estética, um símbolo de encanto a se ofertar para quem a vê com olhos de boa travessia. Sigamos a sugestão do Mestre de Sociedade dos Poetas Mortos: “ façamos a vida ser algo extraordinário”. Somos privilegiados a voar pelo jardim.



## Índice

---

Crônicas .....	17
Pequeno ensaio sobre o poder .....	19
Almoçando com Afrodite .....	21
Duas almas tangentes .....	23
Porto Alegre, meu lugar .....	25
O quadro do sol .....	27
Num tempo de construção lúdica .....	31
Trabalhadores da minha rua .....	35
Ano-novo .....	39
Por um desenvolvimento sustentável .....	41
Período eclético .....	43
Sábados no Campus .....	45
Resignação e indignação .....	47
Aprendizado e extensão .....	49
Manuscritos desprezados .....	50
Uma ideia veloz .....	51
A mulher completa .....	53
Elogio a Antônio Eliezer Leal de Souza .....	59
Atril – Um Caminho .....	73
Introdução – Atril – Um Caminho .....	75
Atril – Um caminho .....	77
Conjecturas .....	95
Introdução – Conjecturas .....	97
Conjecturas .....	99
Do autor .....	117



Ricardo Almeida

Crônicas  
Elogio a Antônio Eliezer Leal de Souza  
Atril – Um Caminho  
Conjecturas

2015



# Crônicas



## Pequeno ensaio sobre o poder

---

Transfiguração é a palavra. Dos meus registros empíricos, aponto este vocábulo como sintetizador daquele instante nada sublime, em que uma pessoa, investida no poder, trai a causa. Imaginemos um grupo social contemplando alta montanha. Alguém entre os membros ou cidadãos deverá ser escolhido para subir até seu topo, ou lá será colocado por outrem. Feito isto, incumbir-se-á de inscrever, no mais elevado granito, o nome daquela comuna. Mas ao transpassar as nuvens em direção ao cimo, deslumbra-se com aquela caricatura de Olimpo, e lá permanece sem o cumprimento dos propósitos para os quais é depositário de expectativas. As nuvens, sob si, não mais lhe permitem enxergar a comunidade de onde partiram seus passos. E o nome que inscreve na pétrea cumeeira é apenas o seu.

Não sei o quanto de inédito possuí esta comparação. Sei o quanto possuí de verdadeiro. Na vida, nos deparamos com inúmeras montanhas. Umhas maiores, outras de menor porte. Todas com seu cume a ser ocupado. Por que são maioria os alpinistas que não merecem o encargo da escalada?

Já falei da transfiguração. A este fator, justaponho outro: a omissão. Só “nascem” déspotas porque a maioria silente se apassiva. Calada, consente os atos tomados contra si. O grupo basilar sussurra suas críticas, mas não se mobiliza para reverter o produto da indignação que lhe assola. Esse conformismo, esse alijar-se de responsabilidades, perpetua os ditadores.

Permite a eles toda a sorte de abusos e desmandos. Poucos são os que, integrantes da base do bloco de penhas, têm a iniciativa de escalar a montanha pela face mais íngreme, para cobrar legitimidade de seu representante, e, se for o caso, pô-lo em queda livre.

É evidente que tais críticos inconformados merecem “cuidados especiais” daquele que detém as bridas do poder e deseja resguardar seus privilégios. Para isto, o tranfigurado precisa de alguns poucos, extraídos do alicerce montês, que lhe sirvam de anteparo. Assim, pinça, do universo da base, o seu secto, e distribui patamares intermediários como retribuição. Surgem as guaritas encravadas na rocha. Posições intermediárias, com paisagens de alcance intermediário.

Dessa forma está montada a estrutura ditatorial e a posse inescrupulosa da montanha. Nesse palco de manipulações, morrem os objetivos iniciais, coletivos, e vinga a imposição da vontade individual. Esse processo de fraude das intenções originais, resulta num abalo irreversível à relação de confiança, que um dia fez a tessitura de uma proposta de mandato. Penso que o absolutista traz em sua índole o pendor para se transfigurar, e o faz na primeira oportunidade que lhe é servida. Esta íntima pré-disposição o faz trair a causa, e usar o posto que lhe foi destinado para obter vantagens pessoais. Afeiçoa-se ao modo imperativo, flexionando os verbos do egocentrismo, limando ao seu gosto as manifestações diversas e gerais, e permanecendo alheio ao exercício da igualdade.

## Almoçando com Afrodite

---

Sou poeta, cantor, compositor e engenheiro civil. Como engenheiro, trabalho na Corsan, no prédio do Banrisul, ali na Caldas Júnior. Entre as minhas atribuições profissionais estão as outorgas para uso da água, a participação em comitês de bacias hidrográficas dos rios do Estado, cálculos diversos e informações hidrológicas. Naquela manhã, ainda que envolto em afazeres laborais, eu estava especialmente motivado: iria ao almoço do StudioClio, assistir à palestra do Prof. Dr. Francisco Marshall sobre o “Imaginário de Afrodite”, ávido que estava por luzes sobre a Deusa da beleza e do amor. Quinze para o meio-dia, dirigi-me à referida casa cultural.

Lá chegando, rumei para uma das mesas, compartilhada com outras pessoas interessadas pelo assunto. A casa tem o costume de reunir no mesmo tablado gente que não se conhece, o que sempre rende integração social e a possibilidade de novas amizades. A seguir, foi apresentado um belo cardápio, elaborado por um chef de renome, harmonizado com algumas qualidades de bons vinhos. A palestra foi magnetizadora, comentários fascinantes e imagens de Afrodite em diferentes tempos e lugares, e algumas características suas: os cabelos molhados, a concha e o pomo e a figura de uma bela mulher. Fiquei encantado com tudo o que foi disponibilizado, sorvendo vários cálices da bebida consagrada ao deus Baco.

Quando o evento terminou, eu estava muito acima das nuvens, no andar superior da estratosfera, com o pensamento solto, um tanto inebriado, divagando por passagens do infinito. A questão, portanto, que se estabelecia, era: como voltar para a Empresa? Como retornar ao ambiente terreno, eu que flutuava pelo zênite do céu? Como ter de volta o equilíbrio cotidiano, eu que prazerosamente me desequilibrava nas alturas da beleza? Andei um curto trecho com o sol pulsando na calçada de cristal. Entrei num táxi e me dirigi ao Centro, pensando em como retornar à rotina do meu ofício tão definido e exato.

Quando me aproximei da rua de destino, percebi que estava fora de sintonia com as exigências da labuta. Ecoavam no azul asas flutuantes do meu pensamento. O percurso mais prudente seria, portanto, uma curva, e não uma reta. Entrei no Shopping Rua da Praia e dirigi-me a um Café. Foram, então, três garrafas de água mineral para ir descendo, aos poucos, do etéreo à vida comum. Cheguei, por fim, a meu Departamento, e busquei interagir com os colegas e com as tarefas que me aguardavam. Mas os olhos sensuais de Afrodite ainda me seguiam e fitavam.

## Duas almas tangentes

---

A poesia e a música vertem da minha essência tão naturais quanto respirar. São, para mim, a vocação inerente. As aulas de literatura sempre foram as de minha preferência. Quando, vindo de Sant’Ana do Livramento para estudar na Capital, li o livro “Domínio da Expressão”, foi paixão à primeira vista, apaixonei-me pelas Letras. Estabeleci, então, os primeiros contatos com a obra do Quintana, através da publicação “Prosa & Verso”. Descobri o poeta genial, encantei-me com o seu vocabulário, constateei o quanto ele atinge fácil a poesia, vi que era mais alma do que corpo, que era encantamento. Quintana foi um dos primeiros poetas que li, e até hoje o considero um dos três melhores do gênero no Brasil, juntamente com Drummond e Bandeira.

Na década de 80, eu estudava engenharia na UFRGS e escrevia meus versos ainda juvenis, e no percurso da Fernando Machado até a Universidade, passava pela Av. André da Rocha, onde, para minha surpresa, cruzava com o Mestre Mário, que caminhava ao sol, morador que era do Royal Palace Hotel, ali na Marechal Floriano. Não atinei em interpelar o consagrado literato, eu, na época, tão incipiente na escrita dos poemas. Apenas nos cruzávamos em silêncio, meu olhar reverente encontrando, fugidio, seu olhar distraído. Em silêncio, duas almas carregadas de poesia se passavam, dois mundos de profunda

vertigem poética tangenciavam-se, ele com sua envergadura de autor maduro, eu, com meus sonhos de autor ainda experimental. Eis que estávamos - no tapete empedernido da calçada – a uns dois passos de distância, pesando em cada um a bagagem infinita. Fomos duas almas tangentes, dilatadas, num encontro em que não nos conversamos.

Nessa época, uma excêntrica amiga, sem o meu conhecimento, enviou poemas meus para o Mestre. Depois fomos a seu quarto de hotel para saber o que ele tinha achado dos textos. O quarto tinha móveis antigos e um relógio-despertador em cima da mesa. Quintana disse, com toda a razão: “Os poemas ainda não estão prontos, ainda precisam ser trabalhados”. De fato, meus versos ainda estavam em formato de crueza. Mas não gostei da apreciação e, talvez por fruto da imaginação ou do transe, estado no qual eu me encontrava, usei a força mental do pensamento paranormal e joguei o despertador contra a parede, estilhaçando-o. Eu disse então: vê, poeta, como é possível desintegrar o tempo! É claro, o relógio, ali, era um símbolo, e sua quebra se constituiu num ato de contundência poética. Nessa passagem, havia o encontro de sonho e realidade, o momento a transcender, e continuamos, eu e o Quintana, pela vida afora, nosso caminho pelo fluxo sobrenatural do tempo e do espaço da poesia.

## Porto Alegre, meu lugar

---

Vim do interior, como muitos habitantes desta terra. Nós, os advindos dos quatro pontos cardeais do Estado, e os porto-alegrenses de nascimento, formamos, então, um timbre rio-grandense de diversas culturas e sotaques agrupados. Pronunciamos composições fonéticas como o tchê e o trilegal, e mais todo um repertório de expressões gaúchas e costumes que compreendem a ceva do mate, o churrasco na brasa, o culto às tradições - herança dos nativos bravios - e as referências colonizadoras, que vêm desde os açorianos até os descendentes de europeus.

Vim dos pagos da Fronteira, da Sant'Ana do Livramento adorada, e precisei conhecer-te pouco a pouco, ó Porto Alegre, penetrando estudantil em teu mistério, em tua magia, até perceber que és clara e luminosa, e translúcida e cristalina. Sim, és clara ao sol do paralelo 30, com teus espaços que se ofertam de forma jovial e direta. Vasculhei a plástica do teu Guaíba, dos teus parques, das tuas avenidas, dos teus espaços de cultura, arte e convivência, enfim, de toda a tua geografia de princesa sulina e de teu recipiente de humanidade, num encontro de lugares e pessoas.

Depois fui desenvolvendo minha história em ti, ambientei-me em teu corpo, e transitei pelo amor de tuas gurias, e situei-me como residente. Gradativamente fomos nos tornando íntimos, fui ganhando-te e foste me ganhando, em manhãs, tardes e noites vividas em

tua anatomia. Configurei em tua carne muita poesia e noites de boemia ao som do violão. Sim, estávamos, de certo modo, prontos um para o outro, ó bela prenda das plagas do Sul. Teu conteúdo e tua forma têm sido, para mim, um porto feliz.

## O quadro do sol

---

A data era 18 de outubro de 2012. Eu e um colega fomos participar da 37ª Reunião Pública Ordinária do Comitê de Gerenciamento da Bacia Hidrográfica do Rio Camaquã. Faz parte de nosso trabalho no Departamento de Recursos Hídricos da Companhia de Saneamento frequentarmos essas reuniões de Comitês. O local do encontro era a simpática cidade de Santana da Boa Vista. Partimos de Porto Alegre às sete horas da manhã, num dia cristalino de bom sol. Pegamos a BR 290, numa manhã muito clara, discorrendo sobre assuntos de trabalho e da vida como um todo. Principalmente da vida como um todo. A estrada tem essa magia: o rumo a lugares desconhecidos, a promessa de situações imprevisíveis, a descoberta do inesperado. Havia uma rota traçada, mas também a perspectiva das nuances do novo, ou seja, o conhecimento de uma nova geografia. Cruzaríamos a vista de pessoas inéditas, nas obras em que o destino é soberano.

No percurso, paramos no Restaurante Muller para tomarmos um café acompanhado de sanduíche. Depois, já em outra rodovia, começamos uma ascensão altimétrica, cruzando campos pontilhados de morros, alguns coroados de pedras. Meu colega fotografou alguns deles, em especial um de imagem instigante, brotado da campina com imponência. Chegamos à Cidade objeto de destino lá pelas 11 horas, e percorremos a avenida de acesso, buscando

conhecer as peculiaridades do ambiente que ofertava seus cenários. A seguir, de acordo com informações que obtivemos, nos instalamos em uma pousada que tem umas dez cabanas de tijolo à vista, cobertas com telhas cerâmicas, em uma região afastada do núcleo urbano. Fiquei em uma cabana e meu colega ficou em outra. Buscamos um local para almoçar e às 14 horas a reunião teve início. Participaram do evento a Diretoria e os representantes do Comitê e as demais pessoas envolvidas nas questões dos recursos hídricos da Bacia. Foram aprovadas atas de reuniões anteriores, discutidos e deliberados pelo plenário vários assuntos de interesse da Instituição e aprovado o calendário do ano seguinte. Houve, também, algumas palestras sobre temas referentes às águas. O encontro findou às 17 horas. Buscamos, então, conhecer a Cidade, suas vias e seus prédios relevantes, e observar seus costumes e sua gente. Naquele mosaico de vidas, o que cada uma significaria como história de vivência? Em cada pessoa havia toda uma trajetória, que se não pudemos conhecer, ao menos tangenciamos através do estreitamento do espaço e da mirada.

Lanchamos e partimos à pousada para um banho. Ao chegarmos, fomos até a administração e, dos fundos dessa, avistamos uma ampla extensão de campos, e daí percebemos porque o nome da Cidade inclui o termo “boa vista”. Fotografamos aquela larga paisagem que se estendia entre oscilações de relevo. O Sol aproximava-se da linha do horizonte. Fui para

minha cabana, e, após o banho, estendi-me na cama, naquele momento de ocaso. Foi então que observei que a luz do Sol entrava pela janela e se projetava na parede. Pequei uma caneta e escrevi:

### **O quadro do sol**

Em Santana da Boa Vista,  
pequena cidade do interior,  
o Sol na altura do poente  
projeta luz na parede  
do quarto da pousada campestre.  
O Sol dá a tinta dourada,  
a janela dá a forma que passa  
e define a tela em retângulo,  
como um quadro ali posto.

Veio o cenário noturno. Fomos jantar em uma pizzaria, que ofertou um belo manjar, entre algumas cervejas. Discutimos sobre a pauta da reunião e seus encaminhamentos. Findou a noite por ali. Talvez o ideal fosse ter um contato mais íntimo com o local, mergulhando na existência de alguma das aparições femininas da aconchegante Santaninha. Quantos mistérios de vida deixamos para trás? Em cada garota

que miramos havia um universo a ser compartilhado. Declinamos de tanta vida cruzada, de tanta possibilidade de enriquecimento da experiência. Não deu no jeito, e voltamos à pousada para descansar. No outro dia, seguros do cumprimento do trabalho e perpassados pela austeridade das horas livres, partimos cedo de volta a Porto Alegre, mas modificando as palavras do poeta, seria possível dizer às belas desconhecidas: “hei de levar comigo uma saudade tua, há de ficar contigo uma saudade minha”. A imaginação dá, às vezes, abrigo ao que não se realiza. É assim com o destino: encontros e desencontros pelo acaso de todos os caminhos.

## Num tempo de construção lúdica

---

Nasci em Sant’Ana do Livramento, Rio Grande do Sul, no dia 1º de janeiro de 1962, na Casa de Saúde da Cidade. Como bom fronteiro, vim ao mundo a cinquenta metros do marco de divisa com a Cidade uruguaia de Rivera, e todos os cidadãos de Livramento-Rivera são considerados “doble-chapa”, ou seja, nos habituamos a ser bilíngues, intercambiando as culturas dos dois países. Cresci no velho casarão da Rua Vasco Alves, em formato de U, com espessas paredes e um mágico pátio no centro, território sagrado daquela época de infância. Com oito anos, edifiquei meu primeiro esboço de poema, quando me declarei para uma prima porto-alegrense, de cabelo liso e louro, que nos visitava com frequência. Eu disse: tenho os olhos verdes da cor do mar e tenho uma namorada com olhos azuis da cor do céu (que era ela). Tive uma infância de felicidade suave e continuada, conforme escrevi em um dos poemas do meu livro *A Textura das Nascentes*.

O pátio de nossa casa era um espaço encantado para mim. Era o local em que eu passava horas entretido, brincando. Brincava muito, sozinho, esbanjando imaginação. Havia, no centro do pátio, um cinamomo, e no fundo uma figueira. Eu tinha a minha “caixa de cavalinhos”, onde havia índios, mocinhos e cavalos de plástico. Eu ficava ao pé do paraíso, elaborando histórias com esses personagens. Em cada tarde, construía uma

novela de faroeste, ocasião em que diversas vezes montava meu forte-apache e empreendia muitas tramas de batalhas.

Eu tinha, também, os meus carrinhos de plástico. Riscava as pistas nas pedras de grês para realizar corridas, nos moldes da Fórmula 1. Certa vez, construí uma pista de argamassa. Pintava e mexia na aerodinâmica dos carrinhos para dar mais cor e velocidade a eles. Fazia a tabela de pontuação a cada corrida, e ia somando os pontos até que houvesse um vencedor do campeonato. Anotava tudo em um caderno.

Havia a minha caixa de botões, outra das grandes paixões que eu tinha na época do universo petiz. Jogava, geralmente, no quarto de meu irmão, que possuía um liso assoalho de madeira, cujo campo eu demarcava com giz. Tinha botões de osso, de acrílico, de plástico, definia os times, organizava torneios, jogava e narrava o jogo por horas a fio. Marcava o tempo das partidas em uma calculadora-relógio. Dividia os times em grupos, levando os classificados aos embates finais, quando às vezes jogava papel picado e talco no campo, como se fosse a manifestação da torcida. Anotava o placar das partidas e a colocação das equipes na tabela de classificação. Essa prática me levou a ser quase imbatível no “botonismo”, quando eu saía de minha atuação individual e jogava contra outros meninos.

Como meu pai era turfista, eu também organizava o programa de corridas dos meus cavalinhos de plástico,

e, como nosso pátio fosse metade lajes de grês e metade terra, eu riscava na terra a pista do meu hipódromo, e me perdia no tempo organizando e realizando os certames do meu turfe em miniatura.

O pátio também servia para a minha prática de esportes. Inventava traves em sua geografia, e passava tardes a chutar a gol e a driblar adversários imaginários. Chutava a bola contra a parede e esperava o rebote, e assim ia interagindo com o formato daquele espaço. Explorava todas as variantes que possibilitassem configurar ali uma jornada esportiva.

Nas vésperas de Natal, o Centro da Cidade ficava encantado. As vitrines das lojas ficavam cheias de brinquedos, e íamos vê-los para antegozar os presentes da data natalina. Na Casa Severo, prendiam os aceleradores do autorama com atilhos, e os carrinhos ficavam a correr nas raias. Era uma festa de tantos atrativos lúdicos. Expunham patinetes, bicicletas, corridas mágicas, jogos diversos, e tantos outros objetos de brincadeira.

Fui um menino com o hábito de brincar bastante sozinho, tinha uma grande capacidade para articular histórias em meus voos lúdicos, de me entreter comigo mesmo, construindo cenários. Mas estive sempre muito longe de ser uma criança solitária. Tinha uma grande convivência em grupo. À tardinha, pegava minha bicicleta e rumava para a Rua Hugolino Andrade para brincar e pedalar com os amigos. Também tive intensa

convivência com outras crianças no Clube Campestre, local de festas, piscina e esportes.

Li, durante minha trajetória infantil, muitas revistas de histórias em quadrinhos. Quando tinha uns nove anos, comecei a escrever minhas próprias histórias em quadrinhos. Mostrei algumas para minha mãe, que ficou entusiasmada com a minha manifestação criativa. Criei, também, um idioma próprio, juntando letras desconexas e elaborando a correspondência das palavras criadas com as palavras da Língua Portuguesa. Já tinha intimidade e vocação para as letras.

Muito tempo se passou desde a despedida da minha infância. Hoje revejo em memórias aquela época de brincadeiras e construção de muitos episódios. Atualmente o mundo mudou bastante, tudo é veloz, as crianças brincam com outras coisas, basicamente utilizam jogos eletrônicos. O video-game chama mais a atenção do que o pátio. O tempo passou, mas tenho a espontaneidade petiz para olhar o mundo com uma inocência idealista. Estou sempre com projetos e ideias, tendo a capacidade de acreditar no tecido das coisas. Mesmo perante tantas atribuições da vida adulta, ainda mantenho muito do meu ser criança. Mas a história, agora, não é a ficção dos tempos de menino, é a travessia pelo caminho da realidade.

## Trabalhadores da minha rua

---

O casarão da minha infância situava-se na Rua Vasco Alves, no Centro da cidade de Sant’Ana do Livramento. Havia amizade entre os vizinhos, as famílias colocavam cadeiras nas calçadas nas noites de verão, eu costumava brincar com os amigos nos quarteirões próximos a nossa morada, e o céu, nas noites limpas, exibia as Três Marias e uma miríade estelar que deslizava lá no alto, onde também passavam alguns satélites em suas órbitas. Um passeio recorrente era a visita ao bar do Seu Emílio para tomar sorvete de creme e chocolate.

Ao lado de nossa casa havia o colégio Instituto Livramento, que reunia grande número de jovens, entre os quais os que sentavam nos degraus de nossa fachada. Essa concentração de pessoas fazia com que os vendedores de amendoins percorressem o Centro à noite, e em meio a gritos de “amendoim torrado”, os “maniceros” de Sant’Ana e Rivera batiam em nossa porta, logo consultando: “Quantos copos vão querer hoje?”. Os copos eram a medida aferida em latas de azeite vazias.

Outro som que se tornou familiar era o apito dos guardas-noturnos, cortando o silêncio da madrugada. Tinham uma convenção: realizavam um silvo de hora em hora para que os colegas das cercanias soubessem que estava tudo bem. Em raras noites de insônia, ouviam-se aqueles misteriosos trinados viajando nas

ruas solitárias. Algo que remetia ao luar, aos enigmas e aos fantasmas.

Ao meio-dia, era certo que batiam à porta das casas de família os engraxates, que num costume bem interiorano e já perdido no tempo, pediam uma lata de comida - recipiente que eles carregavam - e contavam com um ato benfazejo, sempre atendido, para suportarem mais um dia de trabalho pela Cidade atrás de ocasionais clientes. Naquela época, usavam-se mais sapatos e tomavam-se maiores cuidados com eles. A indumentária era mais formal do que a de hoje.

Uma figura folclórica na Fronteira era o conhecido Pinga. Esse Senhor percorria as ruas da Cidade vendendo balas que ele dizia serem de “mocotó”, mas ninguém ficou sabendo exatamente como eram feitas. Ele nunca revelou quais eram os verdadeiros ingredientes de sua mistura. Ele anunciava o seu produto e soprava em uma guampa de osso produzindo um som para atrair os clientes, em sua maioria crianças. Certo dia foi divulgado o seu passamento, e sua falta deixou as ruas menos doces e mais silenciosas, inclusive a nossa Rua Vasco Alves, onde ele costumava sentar para descansar. Levou com ele o segredo das balas-puxa que vendia.

Quem percorria também a sequência das casas eram os vendedores de chás e ervas, os tais “jujeros”, apresentando e explicando a serventia de cada folha que levavam aos clientes. Havia, segundo eles, a cura para diversos males, através daqueles ramos próprios

para infusões, seja na água quente, seja no chimarrão. Levavam a sua farmácia alternativa em cestos de vime, e terminavam negociando suas ervas sempre com um desconto de ocasião.

Nas esquinas, havia camelôs que vendiam peças diversas, e que no carnaval se transformavam em mágicos comerciantes de produtos alegres e coloridos. Comercializavam bisnagas, máscaras, confetes, serpentinas, bombinhas d'água, e fantasias. Havia o “corso”, o jogo d'água, o carnaval de rua, a corte da rainha, os salões dos clubes lotados nos bailes. Era a apoteose da folia. Atualmente não há mais nenhum desses hábitos de maneira consistente, o carnaval na urbe perdeu o seu encanto e as pessoas saem da Cidade na data carnavalesca. Os camelôs não existem mais onde antes trabalhavam e os artigos da festa de momo não são mais oferecidos nas calçadas.

Isso foi há décadas. Hoje não há mais os vendedores de amendoins, são raros os guardas-noturnos, os engraxates não pedem mais comida nas casas - essa foi uma prática abandonada – o carnaval perdeu o lustre nas alas da Cidade e os camelôs, em sua maioria, migraram para a linha divisória com o objetivo de atenderem em grande parte os turistas (agora estão organizando um camelódromo). A urbe mudou, a quadra onde morei se transfigurou, o casarão da Rua Vasco foi demolido e em seu lugar foi construído um edifício. Várias pessoas que residiram naquele espaço urbano não existem

mais, outras partiram para longe ou tiveram outro destino sazonado.

De certa forma, as transformações de um mundo tecnológico modificaram a rotina e as profissões na Fronteira da Paz, como em todo o Planeta cada vez mais globalizado. Assim como algumas tradições, muitas profissões se extinguíram, ou sofreram os efeitos do tempo. Mas se permanecer no pensamento é continuar a existir, aqueles movimentos de outrora continuam muito presentes na memória de quem lhes foi personagem em alguma etapa da vida e da história.

## Ano-novo

---

Nossa casa da Alcides Maya fazia esquina com a Ângelo Melo, em Sant'Ana do Livramento, e a ocasião marcava a virada de ano. Cheguei ao terraço para observar a rua, havia em todos o sentimento de promessa, de esperança num porvir ditoso. As pessoas vestiam cores, demonstravam euforia, já espocavam alguns foguetes, mesmo que ainda faltassem cinco horas para o marco zero. Os vizinhos se saudavam, visitavam-se, havia uma aura de fraternidade espontânea, proporcionada pela data que assomava. Eu acenava para os passantes, entre goles de cerveja gelada e calor aprazível. Tudo era festa nas vertentes interiores, em face do cenário comemorativo a transcorrer.

Naquele tempo, eu ainda tinha meus pais, grandes referências para mim, ainda tinha minha tia-avó, com sua espiritualidade, meus irmão se faziam presentes, alguns chegados de Porto Alegre, a casa enchia-se de músicas, conversas, abraços, alegrias. A mesa farta, tradicional há anos, com elaboradas iguarias, esperava em torno a família reunida. Chegava então a hora zero, as centelhas de fogos pintavam a noite, os corações se aproximavam, as canções eram animadas, os arredores fremiam com entonação, os alaridos tomavam as cercanias, acenávamos para as pessoas amigas de muitas residências. Nessa data de Confraternização Universal em que faço aniversário, logo aportavam

em minha casa meus amigos no viço da adolescência, para prepararmos a noite entre bebidas, frases de feliz Ano-Novo e danças. Depois rumávamos para o Clube Campestre, onde continuava a viagem plena de hedonismo.

Hoje a esquina da nossa lembrança transfigurou-se. Deixamos nossa morada há alguns anos, muitos vizinhos que nos tinham amizade consistente já partiram para a inevitável passagem do luto, outros se mudaram para terras distantes. Imagino que à meia-noite da entrada do próximo ano haja algum solene silêncio pelos que ali confraternizaram em certa data já perdida, e que discorreram um dia pela confluência daquelas ruas. Eu precisaria auscultar a noite para saber se sobreposta à realidade do que existe hoje ainda há ecos pretéritos daqueles tempos idos, daquelas tantas pessoas que fizeram a construção da paisagem daquela época, e que, de certa maneira, ainda continuam a acenar com fraternidade em nossos corações. E nós, que continuamos permeando o cristal da vida, trazemos, indelével na memória, a felicidade daqueles momentos transportados para o calendário do sempre.

## Por um desenvolvimento sustentável

---

O Homem do presente, que projeta o futuro com responsabilidade, tem duas alternativas: ou consegue um salto gigantesco do conhecimento científico e coloniza o espaço, o que é improvável, em função das distâncias que nos separam dos planetas semelhantes à Terra, ou zela, preserva e cuida da Casa em que vivemos, morada esta que abriga o milagre e os mistérios da vida.

Muito mais sensato é apostar na segunda possibilidade, e termos consciência de que não podemos exaurir os recursos naturais do Globo Terrestre, pois todos os seres que o habitam dependem de uma harmonia natural para existirem.

O progresso sem medidas e sem critério, que altera o clima, que polui, devasta, exaure e desequilibra o ambiente, não pode mais, em nome da engrenagem produtiva e financeira, agredir o meio em que coabitamos.

Uma das Leis de Newton diz: “A toda a ação corresponde uma reação”. Portanto nosso Planeta reagirá, dando-nos o que dermos a ele. Em outras palavras, se o desfigurarmos, seremos desfigurados pelas condições hostis que venhamos a causar.

O futuro exigirá que saibamos lidar com recursos finitos, o que demandará reciclagem e economia. Teremos, no porvir, que administrar a escassez. A Teoria de Malthus

indica a situação que nos aguarda: a defasagem de crescimento entre população e alimentos.

Já neste princípio de milênio é necessário que a geração de produtos e serviços seja guarnecida por uma contrapartida ecológica, que mantenha a natureza em equilíbrio e propicie um salutar panorama geral. As políticas globais devem correr nesse sentido.

Não é mais racional pensarmos em qualquer atividade humana desprovida de sustentabilidade. É imperativo que todas as ações exercidas nos domínios de nossa esfera azul sejam sustentáveis, para a continuidade da vida e a garantia de futuro às vindouras gerações.

É possível antever, apesar de recusas ao Protocolo de Kyoto e de outras iniciativas ecológicas, que em breve nenhum bem será consumido ou utilizado sem que traga o selo da sustentabilidade. Haverá, cada vez mais, um significativo florescer de consciência, para que a humanidade e toda a natureza prossigam gerando o que lhes é uma dádiva: o dom miraculoso da vida e o explanar sagrado da beleza.

## Período eclético

---

Na literatura, vivemos uma época de liberdade de estilo, e ao mesmo tempo em que a Literatura Contemporânea não segue nenhum movimento, é livre para transitar por todos eles, sendo composta por elementos diversos de todas as correntes. Vários críticos apontam nessa direção, indicando que as obras atuais têm a possibilidade de conter características de todas as tendências.

Já tivemos muitos “ismos” nas Letras: Arcadismo, Romantismo, Parnasianismo, Simbolismo, Modernismo. Então, se agora somos livres para utilizar, nos trabalhos literários, a mistura dos vários movimentos, em maior ou menor escala, poderíamos batizar a Literatura Contemporânea como Liberalismo. Para isso, devemos nos afastar do sentido pejorativo desse termo. As obras das recentes gerações podem, pela liberdade de criação, ser reunidas numa espécie de Movimento Liberalista no discurso.

Um eixo que parece comum nas Letras atuais é o estilo direto, preciso, enxuto e com vocabulário simples, fruto das muitas oficinas literárias que andam por aí. O risco disso é a produção de um texto “sem rosto”, sem estilo próprio.

É importante destacar que, por enquanto, podemos chamar de Literatura Contemporânea a atual conjuntura da arte escrita, mas no futuro precisaremos encontrar uma definição mais específica para ela.

Outro nome possível para esta fase literária – e este considero bem melhor – é o “Ecletismo” na literatura. Teríamos, então, o Movimento “Ecletista”, a Escola Eclética nas Letras. Não sei se é uma ideia inédita, entendo que parece bastante coerente. De qualquer forma, a flexão de raciocínio aqui colocada é um esforço para definir essas últimas décadas de produção literária. Talvez o mais apropriado, já que esses decênios contemporâneos não configuram exatamente escola ou movimento, seja denominá-los Período Eclético.

## Sábados no Campus

---

Uma das melhores decisões que tomei em minha vida foi realizar o Curso de Especialização em Literatura Brasileira, em 2008/2009, no Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. As aulas eram todos os sábados, no Campus do Vale. Nessas datas eu acordava já em estado de encantamento, e partia em êxtase artístico para o que era ofertado como conhecimento na área das Letras. Foram estudos de diversos autores, nacionais e estrangeiros, e vários cenários e movimentos literários. Conteúdos mágicos e interessantíssimos foram apresentados por grandes Professores Doutores da Universidade.

As disciplinas eram Historiografia e Crítica da Literatura Brasileira, Leituras Clássicas I e II, Romance Brasileiro, Conto Brasileiro, Poesia Brasileira, Canção Popular Brasileira, Literatura Portuguesa, Literatura Infantil Brasileira, Metodologia Científica, Teatro Brasileiro e Teoria da Literatura.

Nossa turma foi muito especial, sendo indicada, por um dos nossos mestres, como uma das melhores que já haviam passado por seu magistério. Tínhamos um entrosamento entre os discentes de muito coleguismo e sintonia com as Letras, embora fôssemos ecléticos nos cursos de graduação que cada um trazia na bagagem. Naqueles sábados feéricos, num Campus silencioso, sorvíamos os conhecimentos com grande entusiasmo, e comentávamos as matérias em nossos almoços em

um dos bares que existem no local. Passávamos o dia entre ensinamentos, discussões e livros. Foi um grande incremento para nossa formação Acadêmica e cultural.

A arte, para mim, são as minhas experiências filtradas pela minha sensibilidade. O Curso enriqueceu-me muito como escritor e músico. Tive frequência de 100% nas aulas, não perdendo um minuto sequer de atividades, e deu-me imensa satisfação ter obtido notas máximas em todas as disciplinas e no Trabalho de Conclusão de Curso. Gosto de dizer que em minha essência estão o amor (sentimental e corporal), a literatura e a música. São os meus geradores de felicidade. Sou engenheiro por profissão, e poeta, cantor e compositor por paixão e vocação. Fortaleci minha musculatura literária naqueles sábados sublimes.

No TCC, escolhi como assunto aquele que considero um dos três melhores poetas brasileiros, e seu vínculo espacial: O Local na Poesia de Manuel Bandeira. No almoço de encerramento do Curso, fomos para um restaurante da Cidade Baixa, ocasião em que realizei uma apresentação musical informal, em um significativo momento de integração entre colegas e professores. Cantamos sob as árvores da rua, já que almoçamos ao ar livre, numa cena de plástico um tanto europeia. Ficam agora as recordações do Curso que tão bem iluminou o meu saber na área da literatura, naqueles sábados encantados vividos em nossa querida UFRGS, que tanto admiro e valorizo, e que é referência nacional em matéria de ensino de qualidade.

## Resignação e indignação

---

Quando, na época de estudante de engenharia na UFRGS, vim morar no apartamento da Rua Fernando Machado, no Centro de Porto Alegre, do oitavo andar tinha-se uma vista fantástica. Podia-se ver boa parte do rio Guaíba, debruçado na área verdejante a sua beira. Nas noites calmas, as luzes da avenida rente ao rio se deitavam sobre as águas, num varal de luzes declinadas. Tinha-se um bom panorama do Morro Santa Teresa e, no cenário noturno, viam-se fartos pontos cintilantes no relevo da Cidade.

Acontece que, seguindo a lógica do desenvolvimento urbano, prédios começaram a ser construídos em todo o entorno, vedando-me, aos poucos, o alcance da paisagem, e os edifícios foram ocupando as poéticas imagens daquele ângulo de visão. Minha direção principal de visada era de oeste a sul, e eu podia ver a hemorragia vária das cores do poente na linha do horizonte com o rio. Eu costumava sentar no sofá da sala para ver o entardecer e a gradação dos matizes do Sol em sua despedida de mais um dia de oferta luminosa. Muitos poemas escrevi olhando aquela plástica do ocaso, quando eu ainda a tinha, e o local de minha preferência para tocar violão sempre foi em frente à janela.

Pois entre tantos prédios que foram fatiando e retalhando a minha vista, foi erguido um que me tirou a imagem do poente. De todas as privações visuais do entorno, aquela foi a que mais senti como falta.

Agora, num entardecer, sentado no mesmo lugar costumeiro, tomando minha cerveja, numa sexta-feira, percebo que lamentavelmente me acostumei com o paredão do prédio devorador de poentes. Maldito acostumar-se! Sim, eu me acostumei com ele e com vários outros vultos de alvenaria que me tiraram o prazer de mirar ao longe. Eu já não o estranho, estou, de certa forma, acostumado, resignado, devido à obra sórdida do tempo, com a sua insistência em me apresentar repetida e cotidianamente painéis de concreto, reiterando essa cinza geometria. Talvez eu já não lembre mais como esta vista foi um dia.

Busco, na paisagem de hoje, espaços ainda restantes de rio e verdura, guiando os olhos por onde se pode ver mais distante, e não creio que minha resignação seja definitiva, pois estou a escrever estas linhas por pura indignação contra o que me foi suprimido, e constato que ainda permanece algum ícone aprazível no local de vizinhança. Sobreponho, então, a indignação sobre a resignação, e procuro os espaços de beleza que ainda existem. Posto-me a sonhar com as linhas que um dia compuseram a mágica estética desta paisagem, e, num voo de pensamento, entre imaginar e recordar, estendo-me ao cenário paisagístico que outrora fez a felicidade visual dos meus sentidos.

## Aprendizado e extensão

---

Aprendemos tantas coisas em nossa estada vital, na construção de uma vida inteira, no longo decorrer de experimentos e vivências, tantas coisas aprendemos no solar da biografia, nas inflexões e variantes aos sentidos, que é pena que algum dia tudo finde, e a geratriz da bagagem desfaleça, e se perca a matriz do conhecimento, e tenhamos o inevitável passamento. Pena que pare o semeador à floração de tanto silogismo estendido, da linguagem preciosa da obra, da crucial criação da beleza, da construção de toda uma história, da flor que se faz retribuição às raízes, do produto de toda uma travessia profícua.

Aprender e ensinar a existência sob o filtro pessoal perfaz a sequência do intercâmbio que dá forma à sociedade e seu curso, onde o legado necessário se transmite, e o indivíduo contribui com sua parcela para o todo. Um dia não mais estaremos navegando o mundo, pois seremos velório ao corpo apagado, e acender-se-á o resumo de uma vida, a síntese e as lembranças, por fim, e o que será do cultivador dessa messe, talvez algo etéreo e misterioso lhe mantenha nexos na extensão do sentir, prosseguindo algures em uma forma de cósmica sequência existencial.

## Manuscritos desprezados

---

Com quantos poemas se apronta um poema? Quantos manuscritos desprezados são floração preterida para que o verso eleito, translúcido e certo, triunfe? As linhas não contempladas pela seleta dos textos que se fazem certeza e publicidade decantam esquecidas à margem do que flui na grafia das obras publicadas, são pendor subvertente às laudas de apresentação, nascem para figurar na perda, páginas jogadas em um cesto de tentativas rejeitadas, qual um campo de esquifes literários.

Vamos tecer um rito, algo de místico, em teares de culto, pela retração dos poemas destinados a estarem fora do alcance exterior, longe da vista geral, na restrição dos arquivos abandonados, vindos tão-só para o apuro e a vazão do poeta, sendo suporte para os versos ditosos e cintilantes, estes, que, como ouro na impureza, têm a sorte do triunfo.

Vamos tecer uma palavra de apoio aos poemas meramente de exercício, desamparados pelo êxito, imprecisos, deixados em papéis subjacentes ou torcidos, que convertem a imperfeição do teor e do formato na poesia que esparge do silêncio, e que nunca falarão a outrem o sentido de sua ignição.

## Uma ideia veloz

---

Eu estava com minha namorada em um motel. Depois do sexo, ela me perguntou: “Se tivesses que projetar um carro de Fórmula 1, como o farias?”. Pensei um pouco. Lembrei de ter observado algumas corridas de carrinhos de autorama, em certa ocasião. Lembrei que os carrinhos que tinham umas quilhas laterais e verticais eram muito mais velozes, principalmente nas curvas. Respondi a ela: eu faria os carros com quilhas verticais em cada lateral, para melhor aerodinâmica. Prossegui: o túnel de vento só mensura a estabilidade nas retas. E disse: para maior eficiência aerodinâmica nas curvas é preciso que tenham as quilhas laterais e verticais. Terão melhor desempenho nas retas também. Ela disse: “Me explica melhor”. Expliquei. Ela estava gravando tudo, conforme tinha sido orientada por alguns elementos. Minha ideia virou notícia. A notícia se espalhou.

Uma tarde, eu estava em meu escritório. Chegaram dois amigos meus. Comentaram entre si: “O carro é um sucesso. O Schumacher experimentou. Sabe o que ele disse? Estou pilotando um foguete!”. Um deles olhou para mim e disse: “P’ra que túnel de vento, não é, Zeca?” (Zeca é meu apelido). Eu não estava entendendo muito bem aqueles comentários. Meu amigo concluiu: “Como farias um carro de Fórmula 1? Desenha o carro para nós”.

A partir de então, todos os carros de Fórmula 1 passaram a ter quilhas laterais e verticais. Foi assim que, com uma ideia simples e genial, revolucionei a Fórmula 1.

## A mulher completa

---

Tive uma namorada que se orgulhava em dizer: “Sou uma mulher completa na cama”. E era. E era também o protótipo de uma mulher desejável, com as formas clássicas referentes a esse modelo. Entenda-se como mulher completa o fato de ela praticar (com os devidos pedidos de desculpas pelos termos que exponho) sexo normal, oral e anal. Fico pensando nas mulheres que não são completas, e o quanto (na visão masculina) elas perdem em relação às que fazem todas as variantes do amor. Para as mulheres incompletas, sempre faltará algo que seu parceiro talvez procure em outra companhia. As mulheres querem saber tudo umas das outras, até no que concerne aos movimentos realizados no leito amoroso, mas muitas delas não se dispõem a fazer tudo na alcova, e não entro no mérito da questão do que lhes dá mais prazer, com toda a razão e justiça de suas escolhas.

Outra questão emblemática consiste na curiosidade que as mulheres têm por saber o que ocorre nas casas de tolerância. Quase todas as amigas que convidei para visitarem lupanares toparam. Não direi se essas visitas se realizaram ou não, apenas digo que a curiosidade delas é grande. Elas querem saber todos os “segredos” das prostitutas, tentam entender o que as bacantes têm que atraem seus namorados e maridos para uma noitada, tendo inclusive retribuição financeira. Querem saber como é o ambiente e o que

as garotas de programa usam como forma de sedução, e por que têm tanto êxito, pelo menos enquanto jovens, nas jornadas sexuais. Gostariam de aprender com as “moças da vida” as suas performances, para, da mesma forma, agradarem seus maridos, assim eles não se sentiriam tentados a darem escapadas fora do namoro ou do casamento. As mulheres normais pensam: “O que elas têm que nós não temos?”. Eis alguns fatores que fizeram do livro e do filme da Bruna Surfistinha um sucesso.

O que as mulheres não sabem é que as transas com as garotas de programa são muitas vezes mecânicas, com tempo marcado, com afetos distantes, com maneiras pré-fabricadas de agradar, e não são raras as vezes em que elas passam gel para desempenhar, porque estão secas. Mas então, por que os homens as procuram? Por solidão, menos vezes; por desejo de uma mulher diferente para diversão, na maioria das vezes. Os homens as querem porque se trata de um prazer sem compromisso, geralmente com mulheres jovens e bonitas, e, terminado o ato, cada um irá para o seu mundo sem elos nem ligações. É o prazer do momento, sem amarras, e algumas sabem mesmo como serem eficazes no trato sexual. Em palavras simples, os homens, com suas responsabilidades familiares e sociais, encontram um ponto de passagem para a festa desmedida por instantes, entre bebidas, enlaces corporais e aparições fantásticas de ninfetas com langeries ou outras indumentárias sensuais. É um

colírio para os olhos, um strip-tease apetitoso, uma promessa iminente de sabor, e, além disso, quando o freqüentador satisfeito passar pela porta de saída, os vínculos ficarão para trás.

Voltando à mulher completa, penso que as mulheres devem, no mínimo, refletir sobre o assunto. Elas devem sempre lembrar que a concorrência, falando de maneira direta, está aí mesmo. Uma pessoa com seus desejos é um universo, juntando-se duas pessoas com seus desejos é mais do que um universo, é uma composição complexa. Cada um sabe de si e dos seus pendores, cada um sabe o que lhe dá sabor. O acerto de um casal se dá muito pelo atendimento a suas expectativas. O que quero dizer é que cada um deve propor a conduta na cama da forma que lhe parece mais prazerosa, ou seja, cada um sabe de si e um pouco do outro. Mas penso que não será demais as mulheres restritas meditarem sobre a mulher completa, ainda que isso demande um novo conceito e uma nova prática em suas vidas. É uma proposta válida, muito importante para ser desprezada. Quase todos os homens buscam uma mulher que faça de tudo nas relações sexuais.



Elogio a Antônio Eliezer Leal de Souza  
Patrono da Cadeira n° 3  
Academia Santanense de Letras



## **ELOGIO A ANTÔNIO ELIEZER LEAL DE SOUZA**

---

**Patrono da Cadeira nº 3 da Academia Santanense de Letras**

*Por Ricardo José de Souza Almeida*

Ilma. Sra. Presidente da Academia Santanense de Letras, Nylza Osório Jorjens Bertoldi. Ilmos. Sres. Representantes das famílias dos Patronos. Exmas. Autoridades presentes. Prezados amigos e colegas. Prezadas Senhoras e Senhores.

Cabe-me a pretensiosa tarefa de, nesta noite de 26 de setembro de 1996, apresentar perante esta plêiade o elogio ao patrono da cadeira nº 3 da Academia Santanense de Letras, que com satisfação e justiça elegi. Digo pretensiosa tarefa porque o compromisso de, em alguns minutos, resenhar uma vida inteira, resumir uma obra, sintetizar uma trajetória é quase uma afronta aos meticulosos momentos por essa pessoa vividos. Quantos eternos instantes sublineares que valem uma vida toda deixarão de ser relatados! Peço escusas ao meu patrono e a esta plateia pelos impulsos e suspiros que, dignos das notas musicais da vida e do amor, prosseguirão silentes. Mas esses, creio, estarão recompensados e até descobertos ao timbre das vozes gerais que do passado vazarão para o instante de agora.

Antônio Eliezer Leal de Souza nasceu em Sant'Ana do Livramento, em 24 de setembro de 1880. Seus pais: Naurelino Pereira de Souza e Emiliana Leal de Souza. Seus irmãos: Eduíno, Mário, Cecy e Zeferina Leal de Souza. Sua esposa: Belinha Leal de Souza. Seus filhos: Luiz Alberto, Víctor José, e Lauro Leal de Souza.

Sua infância foi a de um menino comum, correndo pelos campos, brincando com os animais, contemplando as flores, subindo nas árvores, para, talvez, de lá de cima poder desvendar o outro mundo que trazia dentro de si - isto na fazenda Mata-olho, propriedade de sua família. Porém, nessa idade, notava-se nesse “menino comum”, algo de incomum. Era visto admirando o poente, o lume das estrelas, a senda do luar nas noites cálidas. Extasiava-se com a brisa batendo em seu rosto, com a beleza no livre arabesco dos pássaros e, ao pensar, parecia sondar o infinito e querer penetrar nos mistérios da vida. Em devaneio já fazia seus versos, cantava a sua saudade, sem saber de que, nem de quem.

Em Livramento, estudou no colégio 15 de Novembro e, mais tarde, ainda adolescente, começou a frequentar a Escola Militar de Porto Alegre, obtendo do Ministério da Guerra licença para, em companhia de 18 alunos, participar, como alferes, da sangrenta Campanha de Canudos, no interior da Bahia. À margem direita do rio Vasa-Barris, ajudou a combater Antônio Conselheiro, “fanático religioso” que comandava

rebeldes que se opunham a cumprir ordens do Governo Central, resistindo às várias expedições militares que lá chegavam. Essas revoltas só chegaram ao fim quando, sob o comando do General Artur Óscar, as forças federais desbarataram os jagunços, apossando-se da povoação, pondo fim às pretensões de Conselheiro e à célebre guerra de Canudos, deflagrada a exatos 100 anos e imortalizada na pena brilhante de Euclides da Cunha em “Os Sertões”. Isto aconteceu por volta de 1896 – notem, nosso poeta era apenas um adolescente.

De volta ao Sul e aos bancos escolares, implicado em conflito entre alunos e policiais, foi desligado da Escola com mais sessenta companheiros.

Já nesta época deixou bem claro possuir uma alma impulsiva, uma inquietação permanente, próprias de quem quer partir em busca de outras lutas e de outros ideais. Trocou a espada pela palavra, cujo gume não feria o corpo, mas seria um elo vibrante voltado para o Homem e pelo Homem em defesa de sua vida e de sua essência.

Ciente de sua verdadeira vocação, partiu para o Rio de Janeiro em busca de novos horizontes, empunhando a bandeira da liberdade de pensamento e o direito de cada pessoa dizer o que sente, sonhar e cantar os seus sonhos em forma de contos, crônicas ou poemas.

Com vinte anos apenas, em 1900, fez sua estréia no jornal “A Notícia”, do Rio de Janeiro, apresentado

por Olavo Bilac - o príncipe dos poetas brasileiros. Dotado de um temperamento forte, com sangue gaúcho a rilhar nas veias, era também educado, gentil, discreto, amigo dos amigos. Sonhador, tinha uma capacidade enorme de abstrair-se, subir aos páramos etéreos e viver o seu verdadeiro mundo, desligando-se daquilo que considerava banal, mundano e pueril. Amava sua família, sua terra natal onde por vezes vinha passar temporadas, e resguardando sua intimidade, procurar refúgio para viver e escrever os seus poemas.

Leal de Souza foi poeta, advogado, jornalista, crítico literário e conferencista. Foi repórter de “A Tribuna” no RJ em 1901; redator-secretário de “A Noite” e “Diário de Notícias”, ambos periódicos cariocas; foi diretor de “A Nota” e “A Careta”. Membro da Associação Brasileira de Imprensa usava, às vezes, o pseudônimo Vol-tair.

Sua bibliografia é vasta:

- “O Álbum de Alzira”, poesias, 1900
- “Bosque Sagrado”, poesias, 1917
- “A Mulher na Poesia Brasileira”, ensaio, 1918
- “Romaria da Saudade”, conferência, 1919
- “Canções Revolucionárias”, poesias, 1923
- “Getúlio Vargas”, biografia, 1940
- “No Mundo dos Espíritos”, doutrina

- “O Charuto”, comédia estreada no Teatro Municipal do RJ

E obras inéditas:

- “O Romance da Vida”, memórias

- “Catinga de Mulata” e “Rosa Encarnada”, romances.

Ao analisar os textos de Leal de Souza, a primeira impressão que se tem é a de que se trata de um verdadeiro poeta. Dito isso, significa que é válida a sua obra, e no talento encontra-se justificada. Com referências ao seu estilo de escrita, acompanha os moldes da escola literária vigente na época da virada do século passado: o Parnasianismo, que com sua “arte pela arte”, dominava os meios literários exigindo uma poesia de estética perfeita. Leal de Souza soube ser um parnasiano “da gema”, seguindo à risca os preceitos desta linguagem de construção poética, que teve, em nível nacional, expressões como Olavo Bilac, Alberto de Oliveira e Raimundo Corrêa.

Os versos de Leal de Souza estão transidos de apurada métrica e rigorosa rima, sem perder a ideia de transmitir o que o autor sente ao escrevê-los. Dotado de um vocabulário rico e refinado, sabia usar o leque gramatical para dar beleza e precisão às suas estrofes, engastadas principalmente na forma de clássicos sonetos. A essência do Parnasianismo está presente em todos os seus versos: o culto à perfeição formal.

Das várias obras que meu patrono escreveu, tive acesso a apenas duas delas, “Bosque Sagrado” e “Canções Revolucionárias”, mas o suficiente para constatar o vigor de seu trabalho. Mesmo sem ter vistas às demais, atrevo-me a proclamar “Canções Revolucionárias” como sua obra mais importante, o que encontra-se evidenciado em sua biografia.

Em “Bosque Sagrado” – livro de temática e estilo rigorosamente parnasianos – deparo-me, já na dedicatória, com uma pérola – escreve o nosso vate: “À memória dos poetas que morreram sem cantar”. Entendo que ele se referiu aos poemas que foram escritos por alguém e que por alguém nunca foram lidos. A seguir, um poema que, no meu entender, sintetiza o livro e o estilo do autor:

À glória da beleza,  
E sob a invocação rutilante do sol,  
Sagro a estrofe, e desfraldo-a em ouro e tiro acesa,  
Auriflamando no arrebol.

Invoco o sol, o rubro  
Sol evoco, e, rasgada a ígnea sarça dos ritos,  
O céu que estreluzindo acende eneo delubro  
E a terra-mãe gerando mitos.

Eu venho celebrar na apoteose do verso,  
Na vitória da rima a beleza pagã,  
Que exsurge, deslumbrante, aos olhos do Universo,  
Para encerrar a alma cristã.

E desta pompa régia à luz vibrada a pino,  
Levanto sob o azul sideral da Harmonia,  
Firmes na movediça areia do Destino,  
As torres áureas da Poesia.

O livro que estou comentando, frequentemente tematiza o Olimpo, os Deuses gregos, as Legiões Romanas, mas enfoca também a América e o pampa sul-rio-grandense, assim como as nuances do amor e da alma humana. Nuances palpáveis no poema “SOLIDÃO”:

Rainha da bondade e da beleza,  
Não vieste, e amadureço na tristeza.

Buscaste-me, talvez, por toda a parte,  
E minh'alma não soube procurar-te.

Firme, do sonho no delubro oculto,  
Mantenho aceso o fogo do teu culto.

Houveras, se eu te houvesse aparecido,  
Meus ásperos defeitos conhecido.

Assim, se existes, sou, para o teu pleito,  
O excelso tipo de um herói perfeito.

Filha da terra, ó meu amor celeste,  
Bendita sejas, pois, porque não vieste.

Eu na arte celebrei bodas eternas...  
Interrompi meu voar de mariposa

Entre fátuos lampejos de luzernas,  
E fiz da solidão a minha esposa...

“Canções Revolucionárias”, representa um comovente hino de evocação à bravura e valor dos farrapos. Um hino de culto à liberdade, à justiça e à defesa da pátria rio-grandense. O poema “TERRA HEROICA” assim o diz:

(...)

O pátrio sul, na tradição que evoca,  
Berço e tenda de heróis, heróis sepulta,  
E se na guerra o seu valor avulta  
Nunca o direito pela força troca.

O generoso exemplo dos farrapos,  
Nas almas fortes e nos peitos guapos  
Gravamos, nem no bronze nem no zinco.

E o homem exsurge puro e morre nobre,  
Nas verdes amplidões que ondeante cobre  
O tricolor pendão de TRINTA E CINCO.

A saga da guerra dos farrapos no combate à tirania do Governo Federal acumula toda a sua força poética no poema “SACRIFÍCIO MATERNO”:

Quanto choro derramado  
Por tanta face bonita!  
Maldita, meu filho amado,  
Seja esta guerra bendita!

Junto a ti tenho a alma em festa,  
E vivo, e remoço, e brilho.  
És todo o bem que me resta,  
Mas não te prendo, meu filho.

Quando, nos campos, guerreira,  
A liberdade abre a asa  
De sua augusta bandeira,  
Gaúcho não fica em casa.

Tu descendes dos Farrapos:  
- Segue as legiões da revolta;  
A glória coroa os guapos.  
Vai, meu filho, vence e volta!

Notem que em nenhum momento é questionada a imprescindibilidade da luta na defesa das divisas do território farroupilha, por mais que isso acarrete sofrimento e morte. Na obra de Leal de Souza, a liberdade e o homem fronteiro são elementos indissociáveis.

Neste momento, ao tio Eliezer agradeço por sua vida, pelo legado literário que nos deixou, pelo

amor, os sonhos, os sentimentos de liberdade que emanam dos seus versos. Em nome da liberdade de pensamento que permeia sua vida e sua obra, expresso, num poema meu, intitulado IMPROFÍCUA TORTURA, a minha homenagem:

Podem prender tuas mãos  
inquirir os teus voos  
torturar tua verdade  
na forja que te projeta  
assíduo réu da consciência.

As feridas que se intumescem  
não alcançam teu fundo:  
por mais que te castiguem  
tudo se recompõe  
em teu peito que ama.

As cordas do tormento são inúteis:  
coação alguma  
faz represar o pensamento  
na erupção do sonhar  
a nascente livre da poesia.

Senhores! Colegas! Deixo aqui registrado, nesta noite, um feliz encontro com o passado, onde provavelmente duas almas poéticas rimaram, e quiçá, juntas, percorreram os mesmos caminhos em épocas diferentes.

Quantas vezes, ao passar nesta mesma quadra, onde hoje é o edifício “Castelo Branco”, recordando um passado que não vivi, penso com saudade: aqui moraram os meus avós, aqui morou um poeta como eu.

Sempre estive emocionalmente ligado ao meu patrono. Despertava-me interesse tudo que dizia respeito a sua pessoa. Um fato significativo a mim relatado chamou-me atenção: o Sr. Pedro de Oliveira Júnior, que faleceu com quase 100 anos, santanense, ligado a uma família tradicional de Livramento, foi grande admirador de Leal de Souza. Educador, foi o referido Senhor o primeiro diretor do nosso Colégio Elementar, hoje Rivadávia Corrêa. Considerava o nosso poeta um dos melhores do Brasil. Referindo-se a ele dizia: “Não o chamem de Leal de Souza e sim de Leal de Verdade”.

Citarei outro fato que, ao contrário, me entristece e confirma um adágio popular: “O brasileiro não tem memória”. Passando por Livramento, um filho seu, Víctor José Leal de Souza, vindo do exílio no Uruguai procurou nossa família para (declarou ele) matar a saudade. Revelou-nos o que passou longe do Brasil na condição de refugiado. Perguntou se haviam dado

o nome de seu pai a alguma rua de nossa cidade, ou se ele havia sido lembrado em alguma homenagem especial. Nós respondemos que não. Ele ainda admirado perguntou: “Por quê?” Nossa resposta foi a mesma pergunta: Por quê? Talvez frustrado pelo que ouvira, achamos que esta resposta lhe doeu tanto ou mais do que as marcas da tortura que trazia em seu corpo.

O comovente é que o tempo passou, as gerações se sucederam, e a ideia contida na dedicatória de “Bosque Sagrado” persiste, vindo ao encontro de um dos objetivos de nossa Academia Santanense de Letras: abrir espaço para o canto dos escritores emergentes, fazendo de sua obra literária um estandarte que servirá de incentivo para aqueles que, por qualquer razão, não cantam o que escrevem, deixando morrer dentro do peito o grito que, em eco, poderia despertar, no âmago de sua própria alma, a convicção de poder também ser um poeta, um escritor, um amante da sublime literatura.

Para encerrar, saliento que me foi fundamental a colaboração de minha mãe, Maria Luiza de Souza Almeida, para a instrução destas laudas. Aos passos, e às vezes sendo co-autora deste Elogio, desvelou as densas brumas do passado, fazendo transluzir o vergel luminoso da história. Recolheu, da areia das ampulhetas, o som das granalhas de remotas épocas, estabelecendo o elo capital ao culto à memória. Recorri, também, aos arquivos do historiador Ivo Caggiani, que muito contribuiu para a composição deste trabalho.

Creio ter firmado, aqui, um satisfatório pacto com os cristais do tempo e um satisfatório perfil da vida e da obra do meu eleito, relatando a história do artista da palavra que, com orgulho, escolhi para patrono. Parnasiano santanense, faleceu este ilustre conterrâneo a 1º de novembro de 1948, deixando um nome consagrado na Literatura Nacional.

Prezados amigos e amantes das Letras aqui presentes!

O canto poético é a mais pura forma de oração que existe em nome do amor. Reunidos em nome deste poeta maior, esta noite estamos, fazendo desta Casa a sua casa, sentindo sua presença. Passados quase 48 anos de sua morte, ele retorna em minha voz para cantar os seus versos, na cidade que tanto soube amar, ofertando-nos o seu mundo, refluindo às gerações futuras o seu estético e sensível canto, para que a alma sempiterna, a obra imortal, falem à eternidade com o dizer imperecível do tempo.

Ao meu Patrono, e a quem aqui se faz presente, prestigiando esta noite de culto às Belas-Letras, meu muito obrigado, e minha frase definitiva: A liberdade está na beleza.

# **Atril – Um Caminho**

**Pronunciamentos**



## **Introdução – Atril – Um Caminho**

---

Este é um volume de pronunciamentos singelos, com carga filosófica e telúrica, que é diferente daquilo que costumo escrever. Minha intenção não foi “inventar a roda”, e sim expressar minha opinião sobre alguns assuntos. Como eu disse, são pronunciamentos simples, diferentes do meu estilo erudito de escrever. De certa forma, podem conter alguns clichês, mas creio que são importantes. São pronunciamentos de amor ao Planeta, que refletem o meu pensamento a respeito das questões abordadas. São páginas onde consta a minha proposta para um mundo melhor, além de considerações sobre o entendimento das coisas.



## Atril – Um caminho

---

1. Quero firmar o meu pedido para que as pessoas ajudem as instituições de caridade. Há muitas pessoas precisando dessa ajuda.

2. Peço que o Planeta se compreenda, se veja, se perceba como um todo, unido e uno. Deve haver fraternidade entre os povos e entre as religiões.

3. Uma das minhas missões é promover a paz no mundo. Vejam que dado interessante: nasci no dia 1º do Ano, dia da Confraternização Universal.

4. Frase importantíssima para a Humanidade: Fazer o bem.

5. A ciência é importante. As religiões são importantes. Quero aproximá-las, e não observá-las como oponentes. A ciência possibilita a compreensão, a qualidade de vida, e ilumina o saber. A religião oferece suas diretrizes de fraternidade, solidariedade e amor. Quero aproximá-las. Podem se conciliar. Ambas devem proceder com ética. O referencial tem que ser fazer o bem.

6. Uma noite, em horas já avançadas, escutei em uma rádio de Porto Alegre um psicanalista sendo entrevistado. Ele disse uma pérola: “Amar e Criar são os melhores caminhos para a felicidade”. Concordo com ele.

7. Refletindo, em face de um texto que circulou na Internet, expressei minha opinião: educação e cultura são os principais pilares para o êxito individual

e coletivo. Possibilitam que pessoas e países se tornem mais preparados.

8. Fui ateu, hoje sou agnóstico. Percebi que o Homem não tem envergadura de conhecimento suficiente para afirmar se Deus existe ou não. A questão fica no campo da crença. O Evolucionismo está correto, é o que a lógica diz. O Criacionismo deve ser entendido como metáfora, talvez. E há os mistérios. É possível que haja algo Superior na amplidão de todos os mistérios. Este é o meu pensamento de agnóstico.

9. Vou repetir dois versos de um poema de minha autoria:

Quero ser amigo de todos os Povos

Quero ser amigo de todas as Religiões.

10. Aquilo em que uma pessoa acredita é muito importante para ela.

11. Apresento como opinião um esboço de possibilidade: Deus criou através da evolução das espécies. Lembrem que há os mistérios.

12. Pensem na possibilidade de um Deus universal. Existe esse Deus ou tudo consiste nas leis da Física, na forma de matéria e energia? Existe uma variável física superior, além das que conhecemos, ou existe um Deus regente? São mistérios que se apresentam.

13. A Organização das Nações Unidas – ONU é muito importante, e deve ampliar as suas ações pacificadoras.

14. Só a paz preserva a Humanidade e o Planeta. Faz-se necessário um eficaz plano mundial de desarmamento.

15. Nos protestos, as manifestações devem ser pacíficas.

16. Todas as torturas são absurdas, e devem ser erradicadas.

17. Digamos não às guerras. Zelemos pela vida.

18. O terrorismo não é o caminho. As ações terroristas não melhoram a vida dos povos que os terroristas dizem representar. A paz e a harmonia são benéficas para todos.

19. Grande parte da violência vem da ignorância. Quem faz uso de práticas violentas desconhece o sagrado valor da vida.

20. As diferenças culturais devem ser entendidas.

21. Todas as raças são irmãs. Somos todos filhos da Terra.

22. A vida é sagrada.

23. Não teremos amanhã se não tivermos paz. A continuidade da vida depende de procedimentos pacíficos e fraternos.

24. Precisamos globalizar a fraternidade.

25. A natureza e os seres foram capazes de concatenar tantas belezas ao longo de muitas eras, que

todo este feitiço lento e toda esta maravilha devem ser preservados e cuidados. Não podemos destruir, em tempo exíguo, de modo inconseqüente, esta evolução que de tão longo tempo vem articulando a vida.

26. Não façamos o apocalipse com as nossas mãos. Não precisamos ter um apocalipse, queiramos evitá-lo, estabelecendo a boa conduta e a harmonia geral.

27. Talvez a constatação da existência de Deus esteja nos mistérios.

28. O parâmetro de referência das pessoas deve ser a felicidade.

29. É suprema a busca da felicidade e do prazer, mas com bom senso.

30. Pensemos no Mundo unificado pela fraternidade.

31. O Homem ainda terá que fazer grandes descobertas para que possamos nos perpetuar no Universo.

32. Pensemos num mundo integrado e que considere as nações, querendo-as em paz.

33. Viva a liberdade, a liberdade com ética, a liberdade com humanidade, a liberdade com fraternidade.

34. A ONU deve ter como prioridade a paz mundial e a preservação da vida no Planeta.

35. Precisamos ver o Planeta como um todo. Somos todos irmãos e filhos da Mãe Terra. Sejamos fraternos.

36. Os esportes sadios são muito importantes para a formação e o lazer das pessoas. As práticas esportivas devem ser incentivadas. Esporte remete à vida saudável e ao entretenimento.

37. Sou favorável à fraternidade global, à irmandade de todas as pessoas.

38. Com o largo transcurso do tempo e a velocidade das transformações, as doutrinas podem carecer de atualização.

39. Concordo plenamente com quem defende a não-proliferação de armas nucleares, e vou mais além: peço a redução do arsenal atômico existente, podendo ir até zerá-lo, visando sempre à paz. Isto concorre em favor da preservação do Planeta. Será catastrófico se este tipo de armamento cair em mãos de quem não valoriza a vida. O Mundo não pode incrementar a variedade de mecanismos de destruição.

40. Fui a um evento em que um palestrante disse: “É importante o valor da informação e o poder do conhecimento”.

41. Vou tentar explicar o meu projeto filosófico, que não sei se é inédito. Nós, seres humanos, raciocinamos de forma espacialmente finita. Pensamos e percebemos em três dimensões finitas. Não temos capacidade de pensar em algo que sempre continua, que sempre vai, que não tem limites. Também não temos capacidade de entender algo eterno, algo

que sempre existiu e que sempre existirá, de forma sempiterna, sem começo e sem fim. O infinito e o eterno não cabem na nossa noção espacial e temporal. Portanto esta é uma prova que existe algo além do que compreendemos, algo além de nós. Se existe um Deus, ele pode estar residente nesta infinidade e eternidade, ou estar vinculado a esta forma infinita aos três eixos cartesianos, e eterna ao passado, presente e futuro. Isto tudo significa que há algo maior do que nós, superior à nossa compreensão e entendimento.

42. Nenhum argumento religioso justifica a prática do mal, da violência e da guerra.

43. A diversidade religiosa deve ser entendida, compreendida e reconhecida.

44. Nenhuma guerra é Santa.

45. As religiões têm os seus rituais e costumes, os povos têm os seus costumes, e devem ser entendidos. A diversidade cultural deve ser entendida. É preciso compreender as características locais e ter uma fraternidade global.

46. É importante que os governantes perguntem se o povo está feliz com as condições gerais e as diretrizes sociais. Em função disso os paradigmas devem ser confirmados ou repensados. É preciso ter sempre em vista o bem e a bondade nos ideais e nas práticas, valorizando a vida.

47. Os vencedores são os felizes.

48. Vou explicar mais um de meus projetos filosóficos: Tenho a tendência a não acreditar na reencarnação, mas acho possível que nosso código genético se repita. Se o tempo é eterno, e o espaço infinito, a chance de nossa combinação genética retornar à vida em outros lugares do Universo (ou até na própria Terra no curso infinito) é muito grande, ou até pode tender às chances infinitas. É possível que daqui a um tempo infinitamente distante, num espaço infinitamente distante, a combinação genética e cerebral de um ser se repita no Universo eterno e infinito, pois não haverá limites para a frequência dos eventos e da vida. E, para o ser, a distância relativa entre a morte e o renascimento é zero, pois a morte é nada e a vida é noção. Mesmo que passem, por exemplo, bilhões de anos, esse intervalo de morte é instantâneo para a noção. Desta forma há uma ligação direta entre as várias vidas do ser, ainda que as lacunas sejam feitas de distâncias temporais e espaciais astronômicas. Logo após a morte, há a percepção imediata do renascer, ainda que tenham passado bilhões de anos, e estejamos a bilhões de anos-luz do ponto relativo de nossa vida anterior. Não é uma reencarnação, mas uma repetição de nosso código genético. Devemos considerar que não existe apenas um Universo, mas uma infinidade de Universos.

49. A energia escura pode ser proveniente de uma força exterior ao Universo que conhecemos.

50. Tudo leva a afirmar que a existência do Big Bang é uma realidade.

51. A medida de satisfação de um povo deve ser a felicidade coletiva. Se o povo está feliz coletivamente deve seguir com seus costumes, parâmetros políticos, parâmetros sociais, parâmetros econômicos e parâmetros governamentais, mas se o povo não está feliz coletivamente então deve pleitear mudanças. Vale lembrar que estou falando de felicidade coletiva, pois a felicidade individual depende de cada um.

52. A diversidade religiosa deve ser entendida, respeitada e aceita. Cada pessoa deve entender e aceitar que outras pessoas tenham uma religião diferente, sendo respeitado o direito de escolha. Cada pessoa deve entender que pessoas com religião diferente da sua não são inimigas, apenas têm crença diferente. Uma doutrina não deve pretender desfazer as demais. São necessários a convivência litúrgica e o estado de harmonia. Todas as pessoas são entes iguais da mesma Humanidade. Para Gaia (o Planeta Terra) todos somos irmãos.

53. O ódio entre os países deve ser reprovado por todos.

54. Para a reflexão dos homens-bomba: quem atenta contra a própria vida e contra a vida dos outros não vai para nenhum espaço sagrado dos Deuses. Se existissem, que malditos seriam os deuses da morte.

55. É preciso evitar que terroristas tenham acesso a armas nucleares. Todos devem pensar desta forma, para o bem do Planeta.

56. A diversidade religiosa deve ser entendida. O fato de haver pessoas com religiões diferentes não significa que sejam infiéis, apenas têm crença diversa.

57. A harmonia entre os países é melhor para todos e para o Mundo.

58. Algumas manipulações nucleares não deram certo, pois trouxeram ou trarão destruição, considerando seu mau uso, ou utilização perigosa. Pensemos num mundo sem ameaça radioativa, sem instalação de usinas e sem fabricação de armas atômicas, para o bem da preservação da vida no Planeta.

59. É preciso evitar fatores que ameaçam a preservação do Planeta como um todo. Devem ser priorizadas, nas políticas mundiais, medidas para impedir ocorrências que põe em risco a Terra. É prioridade de primeira ordem um Planeta seguro, preservado e saudável. Temos que pensar sempre em cuidar da integridade do Mundo, ter a visão de resguardar o todo, harmonizar as condições gerais. É prioridade superlativa a preservação da vida em nossa Esfera Azul.

60. Sobre as guerras:

E surge a palavra guerra, e parece, então, que tudo é permitido. O fato de uma pessoa atentar contra a vida de outra, algo que nas sociedades abominamos

e repelimos, nas batalhas torna-se uma coisa banal. As guerras vulgarizam a permissão da morte, e os combatentes nem se conhecem, nem se veem nos olhos. É preciso manifestarmos veementes críticas aos extermínios, e sobrepormos a bandeira da paz.

61. A filosofia propicia dois benefícios: o autoconhecimento e a real dimensão das coisas no mundo e no Universo, dirigindo-nos para o que realmente importa, evitando que nos prendamos a concepções pequenas e mesquinhas. A filosofia nos dá luzes para tentarmos respostas às perguntas: “Quem somos? De onde viemos? Para onde vamos?”.

62. A pessoa tem que viver de acordo com os seus valores e a sua vontade.

63. É impossível viajar para o passado, os eventos no Universo são simultâneos, e evoluem. Mesmo que viajássemos a uma velocidade superior à da luz, ainda haveria um atraso à ocorrência, ao acontecimento simultâneo. Conforme eu escrevi em meu livro de Sonetos, o tempo é fixo, e o que passa são as variações de movimento. Essas variações de trajetória, estado e movimento é que fracionamos para contagem do que chamamos cronologia e medição de tempo. Somente voltaríamos ao passado se as posições ocupadas, ao invés de seguirem seu curso de órbita e trajeto, regredissem perfeitamente, espacialmente e universalmente ao contrário de como evoluíram, num caminho inverso ao exato lugar do espaço que

ocuparam. Ou seja, se as coisas do Universo voltassem de frente para trás de forma idêntica à sua sequência evolutiva. E isso teria que se dar tanto em escala macro quanto em escala micro. Isso é impossível, e de nada adiantaria, pois iríamos da morte para o nascimento e daí para a inexistência de nosso ser. Em algum momento o instante que leva ao futuro seria interrompido e tudo se desfaria num retorno de movimentos ao contrário. Cada átomo teria que desfazer de forma precisa sua trajetória no espaço. Seria como se colocássemos um disco a rodar do fim para o começo, sendo esse fenômeno estendido a toda a matéria e energia. Ou seria como um filme passado ao contrário. Isso é impossível. Tudo é evolução e sequência. O que pode ocorrer é que, no infinito dos episódios evolutivos, os eventos se repitam, como a inteligência e os sentidos de um ser se refazerem em algum lugar da amplidão, ressurgindo em novo local de posições celestiais. Contudo essa repetição não será geral, e sim de eventos específicos, esparsos no universo espacial. Esse ressurgimento é uma substancial esperança, e o infinito de tudo lhe propicia. Teremos o mesmo aparelho de noção em face de outro contexto e teremos que reaprender a vida de acordo com o ambiente onde estaremos.

64. Tudo leva a crer que há importantes leis universais que ainda desconhecemos. A Humanidade deve estabelecer a paz mundial para que, além dos benefícios da harmonia entre os entes terrenos, tenhamos a possibilidade de tantas descobertas que

ainda nos faltam, e que serão fundamentais. Portanto sejamos pacíficos e gentis com a nave Terra, vivendo todos os benefícios da Paz.

65. O tempo é uma ilusão. Conforme escrevi em meu poema Tempo, o que transcorre são os movimentos da matéria e da energia no espaço (das atômicas às siderais passagens). O que muda são os movimentos e as posições ocupadas. O tempo é uma ilusão. A cronologia é uma convenção, muitas vezes referenciada por órbitas. O tempo não passa, é uma variável fixa. O que passa é a sucessão dos movimentos e deslocamentos da matéria e da energia no espaço.

66. A morte é grande, mas a vida é muito maior.

67. Considero minha missão bastante atual, em sintonia com os tempos, pois o mundo cada vez fica mais integrado, e é imprescindível ter uma concepção global de paz, entendimento e harmonia entre os povos e as religiões. Os povos e religiões cada vez irão interagir mais no mundo globalizado, e a noção de fraternidade é fundamental para que o Planeta e a vida no Planeta sejam preservados. Penso que sou o missionário do mundo globalizado, dos tempos da Internet, e acredito que só o meu poema A Constituição da Paz já é suficiente para consagrar a minha missão. Mas construí muito mais em prol da Mãe Terra, chamando a atenção de todas as pessoas para o fato de sermos todos irmãos, pois habitamos a mesma vital e bela Esfera Azul.

68. O corpo existe para sentir prazer.

69. A tortura é uma das piores coisas que o ser humano produziu.

70. A diversidade religiosa deve ser entendida, compreendida e aceita. As pessoas devem ser livres para escolher em que querem acreditar. É imprescindível que as religiões convivam em harmonia.

71. Quero semear a noção de que precisamos preservar o Planeta através da paz e do zelo com o meio ambiente, tendo uma conduta que garanta a continuidade e a permanência da vida na Terra. Significa estender a substância do antes e do agora, num compromisso com o depois.

72. Já fui ateu convicto, hoje sou agnóstico, e embora não creia e não duvide, posso dizer que acredito nos mistérios.

73. As religiões não foram feitas para a guerra.

74. Diretrizes prioritárias para preservarmos o Planeta (sete mandamentos):

Não cometermos o erro fatal de entrarmos numa guerra nuclear que envolva países que tenham arsenal atômico;

Impedirmos que terroristas tenham acesso a armas nucleares;

Não disseminarmos usinas nucleares pelo mundo;

Preservarmos o meio ambiente da Terra, zelando pela natureza;

Investirmos na ciência astronômica para monitorar possíveis acidentes com corpos astrais;

Investirmos na tecnologia que possa detectar e neutralizar geoacidentes de grandes proporções, que possam abalar o Planeta, bem como estarmos alerta para controlar qualquer agente que possa devastar o Globo Terrestre;

Termos cuidado com tecnologias perigosas que possam ainda ser descobertas.

Dizem que Deus criou o mundo em 7 dias (descansou no 7º), e eu apresento 7 diretrizes para preservar a vida em nosso mundo. O armagedom e o apocalipse não precisam acontecer. Tenhamos atitudes em favor da permanência e da continuidade da vida em nossa linda Esfera Azul.

75. A educação, a cultura e o conhecimento são os diferenciais que fazem o êxito das pessoas e dos países.

76. Jesus consagrou a palavra acreditar (fé) ; eu consagrei a palavra confiar (confiança).

77. Filosofia: Os seres que têm menor nível de consciência existem menos porque mal sabem que existem; os seres que têm maior nível de consciência existem mais porque têm maior noção do ato de existir.

78. A paz mundial não é apenas uma questão de fraternidade, é também uma questão de sobrevivência.

79. A justiça deve ter o mesmo molde da verdade.

80. O que o vento traz, o vento leva. Só fica o que tem o peso consistente da essência.

81. Uma pessoa pode ser facilmente enganada quando está dominada pela crença.

82. Infelizmente, para a maioria das pessoas, as coisas mais importantes são o dinheiro e o poder. Os interesses econômicos muitas vezes movem as relações humanas.

83. Já fui ateu, hoje sou agnóstico. Em matéria de religião sou independente. Penso que todas as religiões têm coisas boas, quando atuam na linha do bem. São nocivas quando atuam na linha do mal.

84. Carpe Diem, mas com bom senso.

85. Considero uma pérola a frase de meu irmão Paulo Renato: “O pecado é a maldade”.

86. Com o avanço e a difusão da tecnologia a tendência é a globalização dos costumes, mas a tradição e a identidade local sempre existirão. É uma questão até de geografia.

87. Há um aspecto que eu gostaria de comentar agora, pois me chama a atenção: os Portais do Espaço, que creio que Einstein imaginou, e que consistem em encontrar um portal para dar um salto no espaço, ou seja,

para um tempo instantâneo percorrer (ou transladar-se) distâncias astronômicas, o que nos viabilizaria viagens com êxito pelas galáxias. É uma teoria, por enquanto, de difícil defesa. Os Portais do Espaço são uma grande esperança, seriam uma radical revolução para o incremento do conhecimento e da compreensão de todas as coisas.

88. Trazendo à tona o assunto energias limpas, tive a seguinte ideia: Fazer a associação de uma lente tipo lupa com as placas de captação de energia solar. Isto vai aumentar a concentração de energia solar a ser transmitida (feixes convergentes), com muito maior incidência pontual, desta forma haverá um ganho energético considerável. Pode ser uma solução altamente relevante para a questão da energia, além de ser não poluente. Aumentará o rendimento da energia solar. Temos que investir em energias limpas, aprimorando a tecnologia eólica e solar.

89. Não vim para substituir os messias consagrados, e sim para me somar aos que pregaram o bem.

90. Os países devem respeitar e proporcionar bem-estar a seus cidadãos, preservando o direito à dignidade e à formação pessoal e social de maneira plena.

91. O acesso à tecnologia e à informação produzem desenvolvimento e são benéficos se o objetivo está em sintonia com o ideal e a prática do bem.

92. Dá para resumir a importância de todas as doutrinas numa frase: são benéficas quando orientam a fazer o bem.

93. As religiões são importantes por oferecerem alguns bons referenciais de valores, evitando a anarquia de conduta. Esses valores devem promover o bem-estar das pessoas e a harmonia geral, e não reprimi-las com regramentos desnecessários.

94. As pessoas e os países devem praticar a caridade, aliviando o sofrimento de quem necessita de ajuda. A miséria é uma coisa muito triste.

95. É de suprema importância a dignidade humana.

96. O prazer e a felicidade são essenciais.

97. O esperanto das religiões (a linguagem comum) deve ser fazer o bem. Esse deve ser o fator de entendimento, a linha coincidente no formato das doutrinas. É preciso banir o ódio e o que causa dano às pessoas e aos seres em geral. É preciso preservar todas as paisagens da vida.

98. Devemos ter uma consciência verde, preservando a integridade da natureza e todos os elementos naturais da Terra. É preciso darmos garantia de vida aos seres do Planeta, impedindo a poluição das águas, da terra e do ar.

99. Todas as pessoas têm direito à garantia fundamental da liberdade, de forma que possam

estabelecer suas escolhas e sua maneira de vida, sem sofrerem coação. Mas cada pessoa precisa respeitar a liberdade das demais pessoas. As liberdades devem ser simultâneas e harmônicas.

100. O amor e a arte são sublimes.

101. Ampliando Darwin, digo que os seres são produto do meio, os seres são produto do cosmo, feitos a partir dos elementos do Universo. Somos produto da matéria que existe no Universo e da energia cósmica, e talvez de algum fenômeno desconhecido ou misterioso. Os seres são moldados pelo ambiente cósmico. Somos o resultado das combinações físicas e químicas que existem na amplidão.

102. Só há um caminho para a verdade: a evolução do conhecimento.

103. Apesar de todo o tumulto, quero que meu nome esteja sempre associado à palavra paz.

104. O amor está acima de tudo.

# Conjecturas



## **Introdução – Conjecturas**

---

Não tenho pretensões literárias com este volume de escritos. Como o próprio título já diz, este é um livro de conjecturas, onde expresso o que penso e teço flexões de raciocínio a respeito de temas variados, buscando um entendimento filosófico das coisas. É possível que em uma ou outra linha haja manifestações de ousadia, mas lembro que através do desprendimento e de ideias expostas ao lançamento do sonho, muitas vezes, de alguma forma, se é capaz de mudar o mundo.



## Conjecturas

---

1. Lendo um livro de história da filosofia pude constatar que os filósofos sempre gozaram de grande prestígio.

2. Por ter me formado em engenharia, aperfeiçoei a minha lógica e isso contribuiu para que eu elaborasse os meus escritos filosóficos.

3. O Estado (entenda-se Estado como todos os governos) tem o dever de proteger os mais pobres, não pode deixá-los ao sabor da ferocidade do mercado.

4. Quanto mais eu leio sobre filosofia e religião, mais eu fico convicto de que estou certo em meus livros Atril – Um Caminho e Sonetos de Nuance Livre.

5. Escrevi a minha missão em prosa e verso, em meus livros Atril – Um Caminho e Sonetos de Nuance Livre.

6. Freud estava certo quando concluiu que a hipnose, às vezes, é inconsistente como parâmetro. Por isso ele abandonou a hipnose e passou a dedicar-se ao estudo da livre associação de ideias.

7. Em uma de suas colunas no Correio do Povo, o Juremir disse mais ou menos isto: “os neoliberais querem o estado mínimo para os pobres, e o estado máximo para as empreiteiras”. Concordo com ele.

8. Penso que a educação ideal para os alunos brasileiros é a proporcionada pela escola de turno

integral. Pela manhã estudariam as disciplinas que já constam no currículo escolar, e pela tarde estudariam filosofia, sociologia, música e mais todas as artes, além de praticarem esportes. Mas os governantes não querem que os estudantes aprendam a pensar.

9. Se os dez mandamentos são simples e atravessaram os séculos, os meus pronunciamentos do Atril – Um Caminho (que são 104) atravessarão os milênios.

10. Vou dizer uma coisa que não é absurda: se o mundo continuar com a paz predominando, daqui a algum bom tempo, com o avanço acelerado da ciência, os humanos poderão ter o seu DNA e sua genética modificados de forma que as pessoas fiquem programadas para crescerem até os 30 anos, por exemplo, e a partir daí pararem de envelhecer. Não é absurdo que isso aconteça. As pessoas, portando, não morreriam mais de velhice, pois parariam de envelhecer quando programadas para isso. Seria a tão sonhada “fonte da eterna juventude”. Mas isso só ocorrerá (e é apenas uma hipótese) se o mundo não se destruir antes. Como eu disse, essa possibilidade é apenas uma hipótese. Estou só conjecturando. Deve-se considerar também que as manipulações genéticas têm o seu perigo, e é preciso muito cuidado para realizar experimentos desse tipo.

11. Uma tendência natural do Universo é propiciar a vida quando houver condições ideais

para isso. Com as forças e elementos disponíveis no Cosmo, sempre que as condições forem favoráveis, desenvolver-se-á uma diversidade de vida de acordo com as combinações de matéria e energia e de acordo com o ambiente físico e químico de cada astro apto a abrigar formas vivas. As condições ideais se dão numa imensa minoria de planetas, mas ainda assim são muitos. Portanto, no Universo, há vida espalhada por toda a amplidão cósmica, e não apenas na Terra como acreditam alguns. Cada forma de vida surge como um produto do meio onde se encontra, portanto há uma grande diversidade de seres vivos dispersos pelo espaço (diferentes, de acordo com as características do planeta em que habitam).

12. Há tantas coisas tristes no mundo.

13. As pessoas são capazes de atitudes absurdas quando acreditam que ficarão impunes.

14. Nós confiamos no Sol, e temos que confiar.

15. Em nosso Planeta, temos 118 elementos disponíveis (vide tabela periódica). Se outro planeta possuir, por exemplo, 400 elementos disponíveis, e houver as condições ideais para a vida, a tendência é que tenha seres mais complexos. Se outro planeta tiver, por exemplo, 50 elementos disponíveis, e também possuir as condições ideais para a vida, a tendência é que abrigue seres menos complexos. É claro que isso também depende de outros fatores, como forças e energia e outros, mas a tendência pode ser essa apresentada.

16. Uma das coisas que desafiam nosso conhecimento do Universo é a estabilidade das órbitas, tanto em escala micro quanto macro.

17. Ontem eu estava pensando (com ousadia) que sou o missionário do hemisfério sul. Os grandes missionários como Moisés, Jesus, Maomé, Buda... são todos do hemisfério norte.

18. Temos que ter muito cuidado com modificações e manipulações genéticas. É preciso que estejamos sempre pautados pela ética, pelos bons critérios e pelas precauções.

19. Cuidado com a manipulação de partículas atômicas e subatômicas. É necessária uma boa dose de prudência.

20. A ciência está indo muito bem, pois tem feito descobertas que beneficiam as pessoas e incrementam o saber, melhorando o mundo em muitos aspectos, mas é preciso cautela com as experiências.

21. É importante continuar com as viagens espaciais, não só pelo que poderemos vir a descobrir, mas também porque precisamos ter um plano em caso de existir a possibilidade de colisão de algum asteroide com a Terra. São importantes as viagens espaciais, mas é preciso que estejamos atentos para o risco de haver algum agente patológico proveniente do espaço.

22. O “tempo” é uma sequência de movimentos, tanto em escala cósmica quanto em escala atômica.

O “tempo” é a mobilidade dos elementos pelo espaço. O “tempo” são as sequências de movimentos da matéria e da energia pelo espaço. O “tempo” é uma convenção. Os seres são programados pela sua genética para realizarem uma cadência de movimentos em seus corpos, sofrendo a ação do meio em que estão. Se um ser não tiver doença, falecerá de velhice quando se esgotar a sequência de movimentos para a qual foi geneticamente programado, levada a efeito pelas reações orgânicas naturais. Como referência superior, que moldou até a genética dos seres, devemos lembrar sempre Darwin: os seres são produto do meio. Nós envelhecemos não porque passa o “tempo”, mas porque nosso corpo está sempre se movimentando organicamente através das reações naturais. Nosso organismo tem movimentações celulares de começo, crescimento, maturidade e fim.

23. A alma é um estado cerebral privilegiado? É uma energia? É uma sensação extraordinária? É fluido que emana do sobrenatural?

24. Tenho prazer em pensar.

25. Sou escritor e músico por paixão e vocação. Sou engenheiro por profissão. Não me considero filósofo, sou um escritor que escreve também textos sobre filosofia. Uso meu raciocínio lógico. Sou também um missionário.

26. Em 1993, fiz um teste (avaliação) de perfil que indicou que as minhas melhores qualidades são a criatividade e a persistência.

27. Meus Boletins (que escrevo diariamente) também poderão servir como coluna jornalística digital.

28. Vejam esta equação: Corrupção = mau caráter + ganância.

29. Consegui reunir a literatura, a física e a engenharia na filosofia.

30. Tenho toda uma trajetória junto com os Rolling Stones, penso que somos parceiros em muitas composições (5h30min de melodias que compus para o Mick Jagger colocar as letras). De alguma forma, sinto-me parte da história da banda.

31. Quando se esboça uma teoria ou uma fórmula, é importante testá-la sempre que possível. Procedese assim: estudo do problema e levantamento de dados, hipóteses, experimentações e observações, análise e conclusão. É o Método Científico. Para a Wikipédia, o Método Científico é a lógica aplicada à ciência.

32. Lendo livros sobre filosofia, pude observar que a intuição, a indução e a dedução são instrumentos para a análise, proposição e formulação filosófica. É importante o raciocínio lógico.

33. A palavra tom, em Língua Portuguesa, é um dos vocábulos mais interessantes que existem. Tanto serve para indicar os tons da escala de notas musicais quanto para indicar a variação e a intensidade das cores.

34. Aquecimento global de 2 graus até o fim do século já é um absurdo. Extrapolar isso é

completamente inaceitável. Temos que dar um basta à produção desenfreada, irresponsável e sem escrúpulos, que condenará o Planeta e os seres a um contexto doente. Senhores governantes, cheguem a um acordo para impedir o desastre.

35. Penso que a imprensa tem um papel importante a desempenhar (excluindo os atos de má fé, algo comum na imprensa tendenciosa): divulgar os votos dos parlamentares para que o eleitor possa ficar informado. Temos que saber quais são os políticos que votam contra o povo ou de maneira nociva e obscura. Penso que todas as votações devem ser abertas, e as mais importantes devem ser amplamente divulgadas pelos meios de comunicação. O povo tem que ter instrumentos para fiscalizar os seus representantes.

36. Viva a democracia! Vida perene ao estado democrático!

37. Os sentidos, a razão, a emoção e as experiências estão centrados no cérebro. Sentimos e pensamos através de nossas conexões cerebrais, que por sua vez estão conectadas a todo o nosso corpo, formando um sistema. Somos esse sistema. A alma estará em algum estado excepcional de nossas ondas cerebrais?

38. De compostos inorgânicos a seres vivos houve uma evolução natural, através de reações, combinações, mutações e condições propícias.

39. Em minhas conjecturas 37 e 38 esboço respostas às três perguntas: quem somos? De onde viemos? Para onde vamos?

40. A coisa mais segura é a filosofia, pois a filosofia está em tudo.

41. Penso que Jesus foi julgado, crucificado e morto por dois motivos: era uma ameaça aos poderosos do Império Romano e a maioria das pessoas da localidade tinha inveja dele. Por isso ele foi zombado e sacrificado, pois as pessoas não enxergaram a extensão da sua mensagem de amor e a nobreza dos seus feitos e propósitos.

42. É interessante examinar as questões pela lógica propositiva.

43. A tendência é que, com o avanço acelerado das tecnologias, as pessoas tenham cada vez menos privacidade.

44. Senhoras e Senhores governantes de todos os países, vamos ter bom senso: os equipamentos, sistemas e serviços de energia eólica e solar devem ter imposto zero.

45. É necessário erguermos a voz pelo desmatamento negativo na Amazônia. Lá só poderão ser aceitas atividades sustentáveis. É para o bem do Brasil, é para o bem do mundo. Deveria haver uma contribuição financeira internacional (um fundo monetário), proporcional à industrialização dos países,

para preservar a floresta amazônica. Assim se poderia fiscalizar melhor. Entenda-se como desmatamento negativo o fato de a área de expansão da floresta ser maior do que a área de retirada de madeira. Isso tem que ser monitorado. Tem que haver um código específico para permitir a ampliação e a recuperação do verde. Se a área de expansão da floresta for de 1000 km<sup>2</sup>, por exemplo, só pode ser retirada uma área de madeira inferior a essa. Deve haver critério nas licenças. Deve ser severamente erradicado o corte ilegal de madeira.

46. Os remédios devem ter imposto zero. Não tem sentido tributar o que cura ou alivia as enfermidades das pessoas.

47. Os impostos que tenham como critério contribuições sobre operações (movimentações) financeiras são tributos justos e proporcionais ao volume que cada um movimenta financeiramente. Os ricos pagam mais e os pobres pagam menos. Quem tem muito dinheiro não quer impostos desse tipo e age politicamente, por isso é tão difícil implementar essa contribuição.

48. Uma das situações de maior desamparo pela qual uma pessoa passa é quando ela precisa de um sistema de saúde e não é atendida ou o atendimento é insatisfatório.

49. Quanto maior o repertório de elementos e condições propícias de um planeta, maior a complexidade dos seres vivos que nele existem,

considerando que esse planeta seja um dos que abriga vida.

50. A Física é o maior parâmetro para o entendimento das coisas.

51. Procuo sempre ser justo nas minhas avaliações.

52. Penso que os impostos justos são aqueles nos quais quem tem mais paga mais e quem tem menos paga menos.

53. Toda a doutrina que está edificada sobre a guerra é preocupante.

54. Durante décadas eu estive satisfeito com a beleza: a beleza da poesia, a beleza da música, a beleza das musas. Agora estou mais abrangente: estou analisando a vida como contexto. Daí o meu interesse pela filosofia. Mas continuo com a beleza.

55. Sou paranormal. Já fiz muitos milagres e posso fazer quantos eu quiser no transe. Como paranormal, sou capaz de muitos fenômenos. Escapei da morte mais de dez vezes.

56. A paz é a nossa única opção.

57. As pessoas têm que entender que o mundo mudou, e precisamos acompanhar a velocidade das transformações.

58. A sustentação das religiões é a crença. As pessoas que acreditam nas doutrinas admitem como fatos os acontecimentos relatados nos livros sagrados.

59. A ciência tem apresentado que temos 86 a 100 bilhões de neurônios e 100 trilhões de conexões cerebrais. O nosso Universo tem 80 bilhões de galáxias. São dimensões imensas da noção e da amplitude.

60. Segundo informações da Wikipédia, o Código Genético forma os modelos hereditários dos seres vivos. O Gene é a unidade fundamental da hereditariedade. O ser humano possui entre 20.000 e 25.000 genes. É possível que no futuro se possa mapear a integridade genética de um ser, de forma que ele possa ser reproduzido (com técnica superior à clonagem que se conhece). Nascer de novo, a partir de uma avançada composição artificial, fará sentido? E como ficaria a história (tecido dos caminhos) das nossas conexões cerebrais? Como se arranjariam os neurônios em face de tais novas conexões? Seríamos os mesmos? Seríamos o mesmo ser com outras experiências? Como ficaria a individualidade? Só saberemos isso se formos pacíficos de maneira que não venhamos a nos destruir em uma guerra mundial, e se tivermos a sorte de não haver agentes que nos exterminem ou nos tornem incapazes. A reflexão acima é um assunto delicado, que lida com a questão ética e com várias incertezas para a unidade dos seres. É algo que será muito pesquisado e debatido, e as conquistas científicas nessa área deverão estar guarnecidas pela ética.

61. A intuição e a lógica propositiva são importantes na filosofia.

62. Na administração pública, a despesa não pode ultrapassar a receita. Se para conseguir isso for preciso cortar gastos, esse corte não pode ser efetuado na área da saúde. No mínimo tem que ser aplicado o mínimo previsto em lei na área da saúde, tratando-se de recursos. Diz o ditado popular: “quem tem saúde, tem tudo”, e quando queremos desejar boa sorte para alguém, sempre usamos a frase: “que tenhas muita saúde”, ou seja, é algo que está no inconsciente coletivo, na voz recorrente do povo, e se mostra fundamental às nossas necessidades.

63. A ética e a moral são compostas de boa conduta. Proponho as seguintes definições: ter ética é agir corretamente; moral significa ter bons valores. Ambas estão entrelaçadas. São ciência e comportamento.

64. O congelamento freia o tempo porque freia o movimento.

65. Lembremos a conhecida expressão que faz o êxito das pessoas e de muitos países: “saber fazer”, ou mais precisamente “saber como”. Penso que isso passa pelo patrimônio cultural e pela educação de qualidade, visando ao conhecimento.

66. A gestão dos recursos hídricos é tema essencial para o equilíbrio ambiental e a harmonia com a natureza. A água deve receber atenção de primeira ordem para que possa ser utilizada com sustentabilidade, visando à preservação de sua qualidade e quantidade.

67. Alguns dos problemas brasileiros são a voracidade e as articulações obscuras do sistema político. Quem não faz o que o sistema quer, não consegue governar.

68. O “saber fazer” é o Curriculum Vitae de um país.

69. Sou um pacifista. Penso que o melhor caminho para todos é a paz. É o único caminho para a preservação do Planeta.

70. Administrar o mundo não é uma tarefa simples e fácil. Há muitos líderes tentando fazer isso.

71. Penso que as pessoas têm condições de serem mais felizes quando vivem em um estado democrático e com liberdade.

72. Quanto mais o tempo avançar, mais crescerá o interesse pelo domínio privado da água. Temos que ser firmes no sentido de que a água deve ser um bem público e acessível a todos.

73. Quero que entendam por que eu sou tão contra o terrorismo, além dos motivos óbvios: hoje o terrorismo ainda não é uma ameaça para o mundo como um todo, mas um dia poderá vir a ser, se os terroristas tiverem acesso a armas de destruição em massa. E eu preciso fazer o que estiver ao meu alcance para preservar o Planeta. Os terroristas querem poder, mesmo que seja o poder do mal.

74. A ONU é muito importante e deve sempre atuar na promoção da paz mundial e na preservação do Planeta.

75. Fazendo uma análise do panorama econômico, temos a Economia de Mercado quando as empresas do setor privado detêm a maior parcela dos meios de produção. Temos a Economia de Estado quando a produção econômica é dirigida pelo Estado. Em ambos os casos, geralmente, o Estado se encarrega de setores estratégicos como infraestrutura, saúde, educação e segurança. Com frequência, observa-se uma combinação das duas formas. A Economia de Mercado, com algumas importantes atuações do Estado, parece ser o modelo mais propício ao êxito. Mas como já referi em outra conjectura, em qualquer situação, o Estado tem o dever de proteger os pobres.

76. A noção é o arranjo dos neurônios, as conexões cerebrais. Esse é o formato da consciência.

77. Assisti a um documentário sobre o Papa Francisco em que ele disse uma frase importante, que é mais ou menos isto: “Um dos grandes problemas que temos no mundo é a escravidão estrutural”. Entendo como “escravidão estrutural”, mencionada pelo Papa Francisco, o produto da grande desigualdade social que existe no mundo.

78. Saúde, Educação, Cultura, Infraestrutura e Segurança são setores essenciais e os mais importantes. Mas há outro setor estratégico: meu irmão Paulo Renato sempre diz que para ele o setor mais importante é a Economia, porque fomenta e financia todos os

outros setores. A estrutura econômica de países, estados e municípios requer atenção especial, pois dela dependem inclusive os programas sociais.

79. Vou dizer mais uma vez estes meus versos: Quero ser amigo de todos os povos, quero ser amigo de todas as religiões. Precisamos de paz, harmonia e fraternidade. Precisamos de um Planeta saudável, preservado e inteiro.

80. Achei muito válido que o Fórum Econômico Mundial tenha elaborado listas contendo os principais riscos para o Planeta (mais prováveis e de maior impacto), nas quais o impacto da crise da água ocupa o topo dos itens elencados. Seria importante que o Fórum Social Mundial também elaborasse uma lista similar, com o seu mapa de riscos principais. Todos nós precisamos pensar nos riscos para o Planeta e propor ações para evitar danos a nossa linda Esfera Azul.

81. Num futuro breve, teremos que analisar a possibilidade de um pacto mundial para o planejamento familiar, com critérios para o número de filhos, pois a população mundial está inchando, os recursos naturais estão pressionados e não suportam mais o incremento de tanta gente. É um tema delicado, mas é preciso ao menos começar a pensar nele.

82. É possível que no futuro se possam obter imagens (filmar) do pensamento das pessoas com boa definição.

83. As religiões devem se entender e conviverem em harmonia. As pessoas têm o direito de escolher a religião que querem seguir. As religiões devem se aceitar e se respeitarem.

84. Fiquei impressionado com o dado apresentado pela Organização Não-Governamental Britânica Oxfam: em 2016, 50% da riqueza do mundo estará na mão de 1% da população. É uma desigualdade social absurda, e uma absurda concentração de renda na mão de poucos, enquanto a maioria do povo enfrenta dificuldades econômicas.

85. Que todos os povos e todas as religiões convivam em paz. Somos todos irmãos, somos todos filhos da Mãe Terra.

86. A atividade humana precisa respeitar a natureza.

87. Existem muitos enigmas no Universo ou nos múltiplos Universos.

88. Toda forma de escravidão é inaceitável e deve ter o repúdio geral.

89. Cada vez mais, torna-se imprescindível estar em sintonia plena com os avanços da tecnologia. Isso vale para as pessoas e para os países.

90. É preciso continuamente fazer a pergunta: o que é tendência no mundo hoje? Qual a forma do futuro?

91. O sonho é um propulsor de objetivos. O sonho determina a realidade.

92. Partilho da opinião de quem pensa que o sonho é uma forma de poesia.

93. É bem conhecida esta fórmula: Poesia = emoção + beleza + reflexão + sensibilidade.

94. A informação é importantíssima e faz a diferença no êxito das pessoas e dos países. Portanto consideremos o quanto é decisivo o valor da informação.

95. Em tese, as descobertas poderão ocorrer em escala exponencial.

96. Tudo é reflexo da experiência, da nossa interação com o mundo. Somos nosso aparelho central (com suas articulações sensíveis) e intelectual (do qual fazem parte os sentidos) somado aos experimentos que vivenciamos. As experiências vão se acumulando no caminho das conexões cerebrais e nos arranjos dos neurônios.

97. Todas as inovações e descobertas tecnológicas devem estar sempre acompanhadas pela ética.

98. A bandeira da paz é um símbolo de todas as nações.

99. Lendo algumas linhas de um livro de Augusto Cury, entre tantas outras informações interessantes, expresso que são importantes os direitos humanos e que é fundamental o respeito pela vida.

100. Minha poesia são as minhas experiências filtradas pela minha sensibilidade.

101. Em minha essência estão o amor (sentimental e corporal), a literatura e a música. São os meus geradores de felicidade.

## Do autor

---

**Ricardo José de Souza Almeida** nasceu em Sant’Ana do Livramento /RS, no dia 1º de janeiro de 1962. É poeta, escritor, cantor, compositor e engenheiro civil graduado pela UFRGS. A partir de 1991, passou a colaborar com textos literários para jornais. Conquistou o 1º lugar no Concurso de Poesias do Grêmio Literário Castro Alves, com seu poema “Usa Tua Voz”. Foi premiado em diversos concursos de literatura. Em 1993, lançou seu primeiro livro de poesias, “Trança de Passamanes”, pela Editora Grafos. Foi nascente e membro-fundador da Academia Santanense de Letras, que em 1995 teve o ato de sua fundação. Em 2003, lançou seu segundo livro de poesias, “A Miragem e os Argos”, pela Editora Movimento. Em 2005, lançou seu primeiro CD, “AMORTOTAL”, gravado no Estúdio Rastros. Em 2009, concluiu, com nota máxima, Pós-graduação em Literatura Brasileira pela UFRGS. Em 2010, lançou seu terceiro livro de poesias, “Estação Hipnose”, pela Editora Alcance, e seu segundo CD, “Onírico e Real”, também gravado no Estúdio Rastros. Em 2011, lançou o livro “Sonetos de Nuance Livre”, pela Editora Alcance. Conquistou duas Menções Honrosas no Prêmio Lila Ripoll de Poesia – edição 2011, promovido pela Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, pelos seus poemas “Limbo” e “Louvação”. Em 2012, foi um dos três premiados no Concurso Cultural Porto Alegre, Meu Lugar, promovido pelo Jornal Correio do Povo, com apoio da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, que

teve em torno de 400 crônicas inscritas. Teve o poema de sua autoria “O Apanhador de Flores” selecionado no Concurso Histórias de Trabalho 2012, promovido pela Secretaria Municipal de Cultura de Porto Alegre. Em 2013, lançou o livro de poesias “A Textura das Nascentes”, pela Editora Alcance. Concluiu o livro “A Sudoeste do Sul”, com data de lançamento ainda a ser definida. Concluiu o volume de pronunciamentos “Atril – Um Caminho”. Escreveu a sinopse do filme “Estação Hipnose” e concluiu o volume “Estação Hipnose – Episódios”. Teve a história de sua autoria “Almoçando com Afrodite” selecionada no Concurso Histórias de Trabalho 2013. Teve sua música “Retratos do Guaíba” premiada com o 1º lugar na categoria “Cultura, Arte e Espiritualidade”, na VIII Mostra de Trabalhos do Lago Guaíba, organizada pela UFRGS e pelo Comitê do Lago Guaíba em 2013. Tem o show “Música Vazante da Alma” montado para apresentações, com várias já tendo sido realizadas. Também tem apresentado seu show “A Canção Notívaga” em bares e espaços culturais, cantando e tocando violão. Em 2014, lançou seu terceiro CD, “Claves de Música Nua”, gravado no Estúdio Musique. Concluiu um livro de crônicas. Concluiu um volume de textos intitulado “Conjecturas”. Já compôs mais de 300 melodias e colocou letra em mais de 80 delas. Está em fase de gravação de seus CDs nativistas “Luzente” e “Cerrito”. Em 2015, publica o livro de prosa “A Semântica da Pétala”, pela Editora Alcance. Como engenheiro civil exerce suas atividades profissionais na Corsan, em Porto Alegre, onde reside.



Rua Bororó, 5 - Assunção - Porto Alegre/RS - 91900-540



(51) 3346.5001



(51) 8437.9936



(51) 9466.2858



(51) 8286.1611



(51) 9588.3900



contato@editoraalcance.com.br



www.editoraalcance.com.br



/EditAlcance



@EditoraAlcance



+55 51 8437.9936

